

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

LUCCAS GABRIEL SANTOS CASTRO

TRANSGÊNERO NO TELEJORNAL:
A representação da mulher trans no telejornal *Cidade Alerta*

Monografia

Mariana

2018

LUCCAS GABRIEL SANTOS CASTRO

TRANSGÊNERO NO TELEJORNAL:

A representação da mulher trans no telejornal Cidade Alerta

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Denise Figueiredo Barros do Prado.

Mariana

2018

C355t Castro, Luccas Gabriel Santos.
Transgênero no telejornal [manuscrito]: a representação da mulher trans no telejornal Cidade Alerta / Luccas Gabriel Santos Castro. - 2018.

64f.: il.: color; Capturas de Tela.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Denise Figueiredo Barros do Prado.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social.

1. Telejornalismo - Teses. 2. Pessoas transgênero - Identidade - Teses. 3. Representação para televisão - Teses. I. Prado, Denise Figueiredo Barros do. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 659.3

Catálogo: ficha.sisbin@ufop.edu.br

Luccas Gabriel Santos Castro

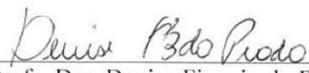
Curso de Jornalismo – UFOP

TRANSGÊNERO NO TELEJORNAL:

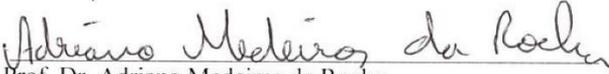
A representação da mulher trans no telejornal Cidade Alerta

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Profa. Dra. Denise Figueiredo Barros do Prado.

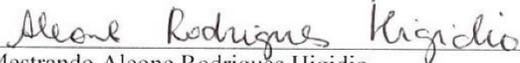
Banca Examinadora:



Profa. Dra. Denise Figueiredo Barros do Prado



Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha



Mestrando Aleone Rodrigues Higídio

Mariana, 11 de julho de 2018.

À memória de Lilica Ravach, apresentadora de programa de rádio e animadora de eventos, a quem tive o prazer de conhecer poucas semanas antes de ser assassinada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família que me ajudou a não desistir da graduação, nas muitas vezes que eu desejei isso. À minha mãe Lourdes que sempre nos encorajou a cursar o ensino superior, ao meu pai Adail que sempre esclareceu o quão difícil o mundo pode ser e me ensinou a enxergar isso com cautela e naturalidade. À minha irmã Ana que esteve disposta sempre para me ajudar em diversas coisas durante a graduação e na vida. Ao meu irmão Mateus que me fez ver as coisas de maneira mais prática e simples. Ao meu irmão Marcelino que sempre achou que eu estava passando necessidade e mesmo eu não estando me ajudou no que podia.

Agradeço aos meus amigos e colegas da graduação que foram companheiros e me ajudaram a entender melhor o nosso contexto como futuros jornalistas e assim pude me encontrar de certa forma, Samara Araújo, Priscila Santos, Laís Stefani, Caio Franco, , Ticiane Alves, Mateus Carvalho, Carlos Paranhos, Gabriel Lima, Matheus Effgen, Priscila Ferreira, Verônica Simões, e em especial a Luisa Campos que me presenteou com um notebook para que eu pudesse realizar esse trabalho e ao Aldo Damasceno que me acolheu na minha primeira casa em Mariana, a República Calangos. Agradeço também a servidora Osmira, responsável pelo almoxarifado do ICOSA, que além de ser uma pessoa muito boa no que faz, foi, e espero que será por muitos anos, uma ótima amiga.

Agradeço especialmente aos meus professores da graduação e do meu ensino médio e fundamental que da sua maneira me guiaram até aqui. Especialmente a minha orientadora Denise Prado que me ajudou a encarar essa pesquisa como algo importante e com mais naturalidade sempre acreditando que eu iria conseguir mesmo eu mesmo não acreditando.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é uma pesquisa que visa entender como é feita a representação da mulher transgênero no telejornal *Cidade Alerta* através de uma análise da construção narrativa em três reportagens e uma suíte do telejornal, são elas: “travesti sofre agressão e é baleada ao tentar fugir”, “homem mata travesti em hotel após encontro amoroso”, “bandidos abusam e matam transexual em Goiás” e “transexual morre apedrejada após festa em Anápolis (GO)”. Foram utilizados quatro eixos de análise: “violência simbólica: desrespeito ao gênero ou a identidade”, “representação de violência física”, “caos narrativo: construção transgressora da narrativa” e “representação de identidade”. O telejornal é temático e tem como tema os casos policiais como acidentes, roubos e assassinatos. O trabalho traz discussões sobre conceitos de identidade e gênero de Butler (2003), Louro (2008) e Preciado (2014). Representação de Hall (2016), além de conceitos de discurso de Charaudeau (2009), televisão e telejornalismo de Jost (2004) e Guttman (2014). Portanto, a pesquisa aponta características de representação de transgeneridade como a construção narrativa com discursos de valor e ainda a tensão criada através de um caos narrativo presente em telejornais temáticos.

Palavras Chave: Telejornalismo; construção narrativa; representação; transgeneridade; *Cidade Alerta*;

ABSTRACT

This work of conclusion of course is a research that intends to understand how the representation of the transgender woman is made in the television news City Alerta through an analysis of the narrative construction in three reports and a suite of the television news, they are: “Transvestite suffers aggression and is shot trying to escape”, “Man kills transvestite in hotel after love meeting”, “Bandits abuse and kill transsexual in Goiás” and “Transsexual dies stoned after party in Annapolis (GO)”. Four axes of analysis were used: “Symbolic violence: disrespect for gender or identity”, “Representation of physical violence”, “Narrative chaos: transgressive construction of narrative” and “Representation of identity”. The newscast is thematic and has as its theme police cases such as accidents, robberies and murders. The work brings discussions about concepts of identity, genre of Butler, Blonde and Preciado. Hall's representation, as well as concepts of Charaudeau's about discourse, television and television journalism by Jost and Guttman. Therefore, the research points to features of transgenerational representation as narrative construction with discourses of value and still the tension created through a narrative chaos present in thematic news programs.

Keywords: Telejournalism; representation; transgenerality; *Cidade Alerta*;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1 – Jornalismo de televisão.....	11
1.1 – Contexto do surgimento do Cidade Alerta.....	13
1.2 – O <i>Cidade Alerta</i>	14
1.3 – Construção narrativa.....	16
CAPÍTULO 2 Identidade, gênero e representação – transgeneridade e tensões sociais.....	24
2.1 – Representação.....	24
2.2 – Identidade.....	25
2.3 – Gênero/Sexo.....	28
2.4 – Trasgeneridade.....	31
CAPÍTULO 3 – Corpus e Análise.....	35
3.1 – Características do programa.....	35
3.2 – O Corpus.....	36
3.3 – Métodos de análise.....	40
3.4 – Análise das reportagens.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAS	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

Introdução

Minha pesquisa tem como problema a maneira como é construída a representação de mulheres transgênero no programa telejornalístico *Cidade Alerta* da Rede Record. O *Cidade Alerta* é um telejornal temático produzido na central de jornalismo da Record em São Paulo e transmitido no fim das tardes de segunda a sábado a todo Brasil, além de possuir versões locais em algumas capitais brasileiras.

A representação telejornalística de mulheres trans em telejornais com temas policiais como esse, fica no âmbito de crime, prostituição, rua e estigma. Consequentemente elas acabam sendo retratadas como sujeitos à margem de um sistema social. O número de assassinato dessas mulheres no Brasil, é alto apenas em 2017 foram 179 assassinatos¹ e crimes de violência contra elas são recorrentes nos telejornais, além de notícias que abordam a prostituição de travestis em grandes metrópoles. Os objetivos da pesquisa, são compreender como tais temas e identidades são tratados por telejornais na construção dessas representações, refletir como o discurso é construído ao abordarem o assunto e consequentemente saber como tal discurso trata essas personagens, na sua tentativa de retratar a realidade.

Foram analisadas quatro reportagens de 2016 e 2017 do *Cidade Alerta*, são elas: “Travesti sofre agressão e é baleada ao tentar fugir”, “Bandidos abusam e matam transexual em Goiás”, “Homem mata travesti em hotel após encontro amoroso”, “Transexual morre apedrejada após festa em Anápolis (GO)”. Para a análise pensei em quatro eixos que me permitiriam chegar perto da resposta do problema da pesquisa, eles são: Violência simbólica: desrespeito ao gênero ou a identidade, Representação de violência física, Caos narrativo: construção transgressora da narrativa e Representação da Identidade.

Os primeiros capítulos do trabalho discutem um apanhado conceitual dos temas principais do trabalho, por exemplo, o gênero televisivo e identidade de gênero. No primeiro capítulo relaciono os conceitos de telejornalismo com o objeto da pesquisa, o *Cidade Alerta*, sua história, o contexto em que surgiu e suas práticas narrativas. No segundo capítulo trato das discussões de

¹ Segundo o Relatório do Mapa de assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017 da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) disponível em: <https://antrabrasil.org/mapa-dos-assassinatos/> acesso em 22 de junho de 2018 às 14:00 h.

identidade de gênero, sexo biológico/gênero, representação e identidade. O terceiro capítulo traz a apresentação do corpus e dos métodos de escolha, além dos métodos de análise, a própria análise e na sequência as considerações finais.

Capítulo 1 - Jornalismo de televisão

A televisão é parte do cotidiano brasileiro há algumas décadas. Sua programação é produzida a partir da vivência do telespectador, mas ela também interfere nas experiências sociais quando constrói necessidades a sua audiência, por exemplo, criando assim uma relação de trocas de influência. A TV cria formas de discursos e narrativas e por outro lado incorpora a voz da própria sociedade.

A interação do público com o conteúdo televisivo é significativa e pode ser útil para entender os hábitos dos telespectadores. Segundo Vera França “a presença da televisão, mais que qualquer outro meio é responsável pela disseminação e partilhamento de códigos, referências, representações e pelo estabelecimento de uma pauta ou roteiro de atenção”. (FRANÇA, 2006, p. 22) Nossa cultura absorveu características do funcionamento da TV à sua dinâmica e ao seu cotidiano ao longo do tempo e alguns hábitos da sociedade mudaram depois que a TV passou a estar presente em um grande número de casas.

A grande repercussão de telenovelas, programas jornalísticos e de entretenimento, por exemplo, podem indicar esquemas, costumes e características da vida em sociedade. A televisão pode ser um fator catalisador de consumo de variados produtos e atividades e seus respectivos usos. No entanto, não se pode dizer que essa influência é absoluta e afeta a todos os indivíduos, Romão afirma que tal influência pode sim ser percebida e vivenciada, mas que também há trocas de diálogos entre o público e o veículo:

Não se trata aqui de defender que a televisão seja capaz de manipular livremente seus telespectadores. A relação entre estes e o veículo é dialética: ao mesmo tempo que o público não acolhe passivamente tudo que lhe é imposto, o próprio meio também, em larga medida, se adapta às demandas desse público. (ROMÃO, 2013, p.20)

No livro “Seis lições sobre televisão” Jost considera que os gêneros televisivos se propõem a estabelecerem um contrato com o público, onde “todo gênero, com efeito, repousa na promessa de uma relação com um mundo cujo modo ou grau de existência condiciona a adesão ou a participação do receptor” (JOST, 2004, p.33). Entretanto existem dentre os gêneros televisivos três mundos, classificados como real, ficcional e lúdico (JOST, 2004) que se colocam de formas distintas perante o público, realizando assim diferentes tipos de contrato.

Segundo Jost, tais mundos formam um triângulo esquemático onde o real se refere ao mundo em que a sociedade se insere se reportando a ele, o ficcional a um universo imaginativo e fantasioso, já o lúdico seria um encontro dos dois primeiros. O autor explica que, em geral, os discursos presentes nos três mundos permitem que o público possa identificar os mundos representados em diversas emissões. Haveria um entendimento ou saber do público que possibilita a identificação de determinados elementos que localizam o programa exibido nesses mundos, sendo assim Jost afirma que “a emissora faz proposições através do ato de denominação, e o telespectador, dando-se conta ou não, dela se apropria”, (JOST, 2004, p.42), mas por outro lado deixa claro que “nenhuma emissão pode ser classificada como pertencendo seguramente a esse ou àquele mundo”. (JOST, p.42)

A promessa da narrativa construída no telejornal, por exemplo, é de se oferecer como chave da verdade e retratar a realidade. Sendo assim, o público compreende quando um programa desse gênero está no ar o que está sendo falado e mostrado é parte da realidade e não de um mundo ficcional ou lúdico. A grande inquietação desse trabalho é que sabendo dessa promessa do gênero telejornalístico, a audiência dos programas desse formato tem como opção a acreditar em formas de interação ou na construção de referenciais identitários que são, na verdade, mais complexos no mundo real ou fora da TV, pois o telejornal utiliza o discurso de verdade como a base para se criar suas narrativas.

Sobre essa realidade em que gêneros televisivos prometem mostrar, alguns autores concordam que ela é particular da própria TV como meio de comunicação. Em *Discurso da Mídias*, Charaudeau afirma que “as mídias não transmitem o que ocorre na realidade social, elas impõe o que constroem do espaço público” (CHARAUDEAU, 2009, p. 19). Jost já explica que “a realidade apresentada na TV é no entanto uma telerrealidade” (JOST, 2007) onde o que se compreende como real é na verdade uma construção da TV sobre a realidade do mundo, ou seja a realidade da TV na TV.

O telejornalismo é um gênero que se refere ao mundo real. Promete ao público a reportagem do cotidiano e realidade da sociedade em que se insere. No entanto, o discurso dos programas telejornalísticos trabalham com o objetivo de retratar a realidade social.

1.1 Contexto do surgimento do *Cidade Alerta*

O grande apelo por audiência característico da década de 1990, quando o programa estreou se relaciona com a estrutura em que a narrativa do *Cidade Alerta* ainda constrói em cada exibição. A exposição e o aprofundamento intenso em casos de assassinatos, acidentes de trânsito, crimes hediondos, chacinas e ocorrências que se envolvem em tráfico de drogas são características do programa. Esses fatores podem indicar a maneira como esse telejornal temático conquista a audiência dia após dia.

Desde 1950, quando a TV surgiu no Brasil havia poucos tipos de programas que possuíam aprofundamento em acontecimentos cotidianos e íntimos de pessoas comuns. De 1966 a meados dos anos 1980, tais narrativas puderam ser acompanhadas em programas como *o Homem do Sapato Branco* (TV Cultura, Band, Rede Globo e SBT), *Domingo de Verdade* (TV Tupi), 1968, *O Povo na TV* (SBT), 1982. A partir dos anos 1990 essas produções ganharam força na programação da TV aberta, o *Aqui Agora* (SBT) foi um dos primeiros a dedicar todo o tempo a temas populares e policiais, histórias de crimes e violência com dramatização do apresentador, o programa ficou no ar de 1991 a 1997. Este programa retornou à grade de programação do SBT em meados dos anos 2000 sendo apresentado por Luiz Bacci, atual apresentador do *Cidade Alerta*.

Outros programas que também tratavam desses temas ganharam visibilidade nessa época. O *Cadeia* (CNT) passou a ser exibido em rede nacional em 1992 e tinha como apresentador Luiz Carlos Alborghetti que usava um porrete de madeira durante as apresentações e batia na bancada enquanto gritava. Este apresentador foi substituído por Carlos Massa, o Ratinho, em 1994, quando o programa passou a se chamar *Cadeia neles*. Ratinho também passou a apresentar *190 Urgente* (CNT) em 1996. (LANA, 2007)

Para Lana (2007), “não apenas esses programas, como também vários outros tipos de emissões televisivas surgem a partir da década de 1990 com esse apelo popular” (LANA, p. 15) A autora também cita em sua dissertação características em comum dos programas de TV daquela época e compreende que “três principais características que começaram a perpassar os programas da TV naquela época foram: o destaque às histórias de pessoas comuns, a preocupação com a realidade dos quadros apresentados e a exploração da intimidade.” (LANA, 2007, p. 15). Percebe-se pelo número de programas voltados a esses temas nesse período que havia uma busca de

audiência característica da época pelas redes de TV, muito mais que antes na história da TV, quando essas temáticas eram encontradas em menos emissões:

A partir da década de 1990, a TV passou a apresentar emissões voltadas às histórias íntimas de pessoas comuns. Se antes dessa época havia poucos programas reservados à figuração do povo na TV, tem início então a sua proliferação. A proximidade com o povo real das ruas fez com que os programas populares recebessem muitas críticas. Ainda assim, atingindo diferentes gêneros da televisão, os programas populares alcançaram sucesso de audiência. (LANA, 2007, p.11)

Nesse período vários programas de TV mesmo com formatos diferentes conversavam com o fenômeno do “popular”. Carlos Alberto Ávila Araújo (2006) aponta algumas características do fenômeno televisivo da época, como a “ênfase nas pessoas comuns, preocupação exagerada em exhibir fatos ‘reais’ e a exploração de fatos da vida privada a partir de depoimentos” (ARAÚJO, 2006, p.48-49). O autor reitera que “o fenômeno do crescimento da ‘programação popular’ representa a consolidação de uma série de aspectos (gente comum, fatos reais, exploração de fatos íntimos) que se espalham pelos vários gêneros televisivos” (p.49) e também indica a peculiaridade desse tipo de produção quando afirma: “o que diferencia os programas populares é a utilização do tempo da vida cotidiana. Eles tentam parecer ininterruptos como nossa vida diária” (p.58). Alguns programas eram claramente produzidos baseados em narrativas populares, explorando histórias de gente comum em grande tempo de vídeo e outros que inseriam ou dedicavam algum tempo da sua produção para esse tipo de narrativa, provavelmente com o intuito de suprir uma necessidade de alcançar a audiência por essa chave.

1.2 O *Cidade Alerta*

O objeto a ser analisado neste trabalho é o programa jornalístico *Cidade Alerta* exibido na Rede Record, canal da TV aberta brasileira. O *Cidade Alerta* é um telejornal temático produzido na central de jornalismo da Record em São Paulo e transmitido no fim da tarde a todo Brasil, além de possuir versões locais em algumas capitais brasileiras. O telejornal é apresentado atualmente por Luiz Bacci.

A equipe do programa divulga bastante conteúdo nas redes sociais e tem pouco mais de cinco milhões e seiscentos mil seguidores na sua página oficial no Facebook, trezentos e trinta e

seis mil seguidores na conta oficial do Twitter². A página oficial no Facebook³ divulga diariamente o link das transmissões ao vivo do telejornal no portal R7 da Rede Record, que também é transmitido ao vivo pelo canal do *Cidade Alerta* no YouTube⁴ além da transmissão na TV aberta. O programa estreou em 1995 ficou no ar até o ano de 2005. Ficou fora da grade da TV por alguns anos retornando apenas em 2011.

Em sua história, o *Cidade Alerta* viveu alguns momentos peculiares. O programa foi ao ar pela primeira vez em 1995. Após dois anos com a transferência do primeiro apresentador Ney Gonçalves Dias para o *Aqui Agora*, programa concorrente do canal SBT, o *Cidade Alerta* passou a ser apresentado por João Leite Neto e, em 1998, por Gilberto Barros. Ainda em 1998, José Luiz Datena assumiu o cargo de segunda a sexta e aos sábados o programa era apresentado por Ulisses Rocha. Ambos ficaram até o ano de 2003 a frente do programa, depois desse período aconteceram várias trocas de apresentador, Oscar Roberto Godói, Milton Neves, Ricardo Capriotti, Wagner Montes e Lino Rossi foram os âncoras nesse período. Marcelo Rezende começou a apresentar o *Cidade Alerta* em 2004. Em junho de 2005 o programa foi tirado da grade da Record pela baixa audiência.

A reestreia se deu em junho de 2011. Com a transferência de José Luiz Datena para a Record, o *Cidade Alerta* alcançou a vice-liderança do canal nos índices de audiência do IBOPE. Sua permanência no comando do programa durou pouco mais de um mês. Datena rescindiu seu contrato com a emissora e retornou para a Bandeirantes. Depois disso houve mais trocas de apresentador e mais uma vez o programa saiu do ar retornando apenas no ano seguinte, em 2012, já sob o comando de Marcelo Rezende, importante personagem da história do programa e para essa pesquisa já que nos últimos anos esteve à frente do *Cidade Alerta*.

Marcelo Rezende iniciou sua carreira como repórter nos anos 70 no Rio de Janeiro passou pela Rede Globo onde apresentou o programa policial Linha Direta e fez reportagens investigativas para o Jornal Nacional e Fantástico e trabalhou também na Revista Placar. Nos diferentes veículos, a linha policial esteve sempre presente em suas reportagens e em sua trajetória, como por exemplo as investigações sobre corrupção no futebol, pirataria fonográfica e tráfico de armas.

No *Cidade Alerta*, o apresentador ganhou destaque no programa pelo seu jeito de inserir humor no formato policial, alternando seu próprio humor no tom de voz e expressão facial. O

² Consulta feita em 15 de Maio de 2018 às 20:03h. em <https://twitter.com/cidadealerta>

³ Consulta feita em 15 de Maio de 2018 às 20:04h em <https://www.facebook.com/CidadeAlertaRecord/>

⁴ Consulta feita em 15 de Maio de 2018 às 20:07h <https://www.youtube.com/channel/UCeHsnxC0B4HukzrxkF9ofbw>

jargão “corta pra mim” foi replicado nas redes e nas ruas por principalmente provocar o riso do telespectador. Sua imagem já não era tão séria como na época em que apresentava o Linha Direta na Rede Globo.

O apresentador também havia há pouco tempo adentrado o mundo digital criando perfis nas redes sociais e também possuía um blog no portal da Rede Record chamado “Corta pra Mim” onde mostra os bastidores do Cidade Alerta e a sua vida pessoal, além de ter uma coluna culinária. O apresentador faleceu por complicações de um câncer no mês de setembro de 2017 e foi substituído por Luiz Bacci⁵ na apresentação do *Cidade Alerta*.

1.3 Construção narrativa

Os telejornais podem ser divididos em subcategorias, pois existem exemplos claros de diferentes tipos de narrativas telejornalísticas no ar atualmente na TV aberta brasileira. Pode-se notar diferença entre o *Jornal Nacional*⁶ (Rede Globo) e outros como *Jornal da Cultura* (TV Cultura), e o *Cidade Alerta* (Rede Record). O *Cidade Alerta* é um telejornal que pode ser identificado como temático policial, já que a sua construção é feita com a apresentação de notícias sobre crimes e acidentes ocorridos (ou em ocorrência) nas grandes cidades. Para Campello, “A opção pela denominação de telejornais policiais deve-se, principalmente, ao fato de esses telejornais priorizarem as pautas policiais – a cobertura da violência e da atuação da polícia –, com ênfase numa linguagem popular.” (CAMPELLO, 2008, p.53). O autor utiliza essa denominação de subgênero para o *Cidade Alerta*, pois compreende que ele é produzido a partir de alguns elementos específicos:

[...] os telejornais policiais como um formato, ou ainda um subgênero, dentro do gênero dos programas jornalísticos na televisão. Como tal, eles também se inscrevem no rol dos produtos televisuais que tratam a informação como uma certa expressão do real, fruto de acontecimentos (notícias) que de fato ocorreram. Mas um tipo de realidade diferente da servida diariamente ao telespectador pelos telejornais de referência (clássicos). (CAMPELLO, 2008, p.53)

⁵ Luiz Bacci iniciou sua carreira aos 11 anos em uma rádio de Mogi das Cruzes, São Paulo. Esteve no canal SBT apresentando o Aqui Agora em uma reestrela no ano de 2008 e entrou para a equipe do Cidade Alerta em 2012.

⁶ O *Jornal Nacional* foi ao ar, pela primeira vez, às 19h56 do dia primeiro de setembro de 1969. Foi o primeiro telejornal transmitido em cadeia nacional, via satélite, para várias cidades brasileiras (PATERNOSTRO in CAMPELLO 2008, p. 16).

Percebe-se uma certa desorganização narrativa na construção do telejornal, a organização do programa parece ser feita na hora, no improviso e focada em criar esse clima de suspense e tensão. As reportagens em geral seguem essa mesma estrutura de narrativa, mas podem ser interrompidas a qualquer momento durante a transmissão do programa para se exibir flagras ao vivo, geralmente acidentes, fugas e perseguições policiais e até anúncios.

Basicamente, o apresentador introduz o assunto da reportagem com alguma imagem ou foto de pessoas envolvidas sendo exibidas na tela do estúdio. A matéria de repórteres do telejornal entra no ar e em algumas ocasiões a exibição é para que o apresentador comente algo sobre aquela reportagem. Dentro da narrativa da reportagem são exibidas sonoras, passagens e, em geral, repete-se a exibição dos vídeos e fotos da introdução no estúdio. Os vídeos e fotos são repetidos várias vezes, antes da reportagem entrar no ar, durante a exibição dela e ainda depois, quando o apresentador costuma comentar sua opinião sobre o caso.

O apresentador se veste de terno, assim como o comentarista fixo do programa Percival de Souza⁷, que acompanha o apresentador no estúdio não aparece nos quadros o tempo todo, só quando é chamado ou questionado sobre algum assunto.

Percebe-se uma intenção na forma como o programa inteiro é construído para provoca no telespectador sensações de tensão, suspense, perigo devido a sucessão de imagens e reportagens, além das falas com tom alarmante e graves. Não há pausas nas transições de uma reportagem para outra e isso faz com que a narrativa cause certa agonia e alerta em quem assiste. Quando se dá destaque a alguma reportagem ou acontecimento, são exibidas imagens e também vídeos que se repetem de forma quase contínua. O som da voz do apresentador, geralmente em tons mais altos, reforça a atmosfera de agonia. A impressão que fica depois de assistir o programa inteiro é de insegurança, onde todos podem estar o tempo todo correndo os mesmos perigos e suscetíveis aos crimes ali apresentados.

Por outro lado, a construção do *Cidade Alerta* utiliza elementos tradicionais do gênero telejornal e também elementos próprios da sua narrativa por se aproximar mais de temas policiais. Um telejornal tradicional se apresenta ao público, com elementos básicos de ferramentas comunicativas. Arlindo Machado relaciona a construção básica de telejornais da seguinte maneira:

⁷ Percival de Souza é comentarista de segurança da Record, segundo o site da Emissora.

tomadas em primeiro enfocando pessoas que falam diretamente para a câmera (posição *stand-up*), sejam elas jornalistas ou protagonistas: apresentadores, âncoras, correspondentes, repórteres, entrevistados[...] repórter em primeiro plano dirigindo-se à câmera tendo ao fundo um cenário do próprio acontecimento a que ele se refere em sua fala, enquanto gráficos e textos inseridos na imagem datam; situam e contextualizam o evento; se tudo for ao vivo, mais adequado ainda [...] em primeiro, o âncora lendo a notícia no *teleprompter*, enquanto a imagem correspondente ao que ele anuncia aparece ao fundo, inserida por *chroma key* ou projetada em monitores presentes no cenário. (MACHADO, 2003, p. 104)

No caso do *Cidade Alerta*, são utilizados enquadramentos de telejornais não temáticos. Assim como repórteres que mediam entrevistas nos locais dos acontecimentos em outros casos mostram o local e descrevem algum acontecimento. Apresentador de pé no estúdio olhando para as câmeras e anunciando as reportagens, explicando e até narrando os acontecimentos. Essa característica específica do telejornal para Guttman é o que o coloca num lugar que o apresenta ao público como fonte confiável de informação, “esse movimento de falar ao telespectador valida o próprio enunciado de modo a credenciá-lo como jornalístico”, mas ressalta que isso depende também “da existência de um sujeito que pactue com a troca dialogal proposta na posição de interlocutor” (GUTTMAN, 2014, p.302), ou seja, essa validação também depende do público e sua recepção do discurso ali construído e veiculado.

Por outro lado, há também elementos únicos de telejornais temáticos, assim como *Brasil Urgente* (Band) e *Aqui Agora* (SBT), por exemplo. O apresentador desse tipo de programa geralmente insere sua opinião sobre as notícias e assuntos que estão sendo ali discutidos. Essa é uma das características que difere um telejornal temático dos tradicionais. No caso dos telejornais temáticos o apresentador não está exatamente na posição tradicional de âncoras de telejornal. Nesse tipo de produção não há uso de bancada, portanto o apresentador está “solto” no estúdio, movimenta-se mais dinamicamente e assim também pode ser entendida a construção do seu discurso:

através do sistema gestual e audiovisual do corpo midiaticado, olha, movimenta-se e se projeta corporalmente em nossa direção, faz o espectador se aproximar ou se afastar do seu corpo e espaço pelos enquadramentos de câmera, e explora modalizações verbais de convocação de um suposto interlocutor virtualmente atuante (GUTTMAN, 2014, p.304-305)

O *Cidade Alerta* é em certos pontos transgressor ao modelo telejornalístico clássico ou de referência⁸. O apresentador está de pé na imagem da transmissão, possui uma certa liberdade de improviso e coloquialidade no discurso, características menos comuns nos telejornais não temáticos. Campello relaciona essas características como sendo típicas de um telejornal temático, segundo o autor há “um enorme grau de autonomia e de improvisação do âncora desses programas, que tem poderes para decidir sobre a ordem das matérias e o tempo que a discussão em torno delas vai durar no ar” (CAMPELLO, 2008, p.53).

O discurso produzido no telejornal parte muitas vezes dessa característica coloquial ou do improviso de se construir a sua narrativa, recorrendo assim muitas vezes a termos que situam pessoas e situações como a nomeação, identificação de personagens, como por exemplo, “bandidos”, “prostitutas”, “travestis”, “gays”, entre outras. Para Charaudeau, a utilização de certas palavras no discurso da mídia pode acabar transmitindo tendências que quem as fala possui, principalmente quando se repetem, segundo o autor “palavras usadas em situações recorrentes pelos mesmos tipos de locutores acabam por tornar-se portadoras de determinados valores.” (CHARAUDEAU, 2009, p.48). O agente da fala se posiciona de modo opinativo perante o que está sendo apresentado por ele em seu discurso nesse caso.

Para Prado, “o exercício de nomeação é sempre relacionado às representações sociais partilhadas e está imiscuído nos processos de valorização e negociação do lugar social dos grupos nomeados” (PRADO, 2010, p.13). Tais representações podem revelar que há tensões no mundo real, fora da TV, em que são disputados lugares de fala em busca de direitos como no caso de grupos sociais estigmatizados e que “a nomeação se torna uma chave para pensarmos os processos aí implicados na formação das categorias de inscrição social dos indivíduos” (PRADO, 2010, p.2). A autora salienta que certas representações construídas utilizando nomeações, “quando acionadas, as representações levam a processos de diferenciação e classificação social de grupos e indivíduos e, nesse exercício, acaba por conferir aos grupos e indivíduos representados certas posições na vida social” (PRADO, 2010, p.11)

No caso do apresentador do *Cidade Alerta*, por exemplo, ao se utilizar desses recursos discursivos de nomeações, ele, além de se posicionar e transmitir sua opinião, também revela um contexto social em que se insere, segundo a autora “ao se posicionar nas interações comunicativas,

⁸ Termo para tratar dos telejornais tradicionais, inspirados no trabalho desenvolvido por Márcia Franz Amaral (2006), que, ao estudar o jornalismo popular no Brasil, utiliza-se da definição de jornal de referência para estabelecer uma distinção entre estes e os jornais populares. (Campello, 2008, p.53)

elementos que dizem do sistema social mais amplo e do contexto passam a ser captáveis.” (PRADO, 2010, p.14)

Outra característica bem marcante, principalmente no período em que o programa foi apresentado por Marcelo Rezende, é a importância do apresentador para o *Cidade Alerta*. O sucesso que o apresentador alcançou com o público fez com que ele representasse também outro papel social adquirindo um estrelato e ocorrendo assim uma certa celebração da sua pessoa. Para Barbeiro e Lima (2002, p.76) o “apresentador de programa jornalístico na TV não é artista, nem notícia, trabalha com ela [...] não é a estrela do jornal, mas o rosto mais conhecido e familiar do telespectador”, observa também que “obviamente a exposição no ar lhe dá notoriedade social que alguns confundem com prestígio social”. Para Guttman “é possível indicar, contemporaneamente, uma forte tendência de construção de apresentadores personas, sujeitos implicados no discurso que se apresentam em estado de simbiose com o programa” um “porta-voz do telejornal e também se coloca enquanto ‘eu’.” (GUTTMAN, 2014, p.304)

A notoriedade conquistada pelo apresentador, e que implicitamente era construída com sua ajuda para seu sucessor Luiz Bacci, é relacionada por Charaudeau como um fator que pode lhe conferir credibilidade e poder de persuasão. Segundo o autor:

O informador tem notoriedade: essa posição pode produzir um efeito duplo. Em verdade, toda pessoa que tem notoriedade é uma pessoa pública, e por isso sua posição social exige que o informador nessa condição não esconda informações de utilidade pública – o que lhe confere certa autoridade e faz com que lhe confere certa autoridade e faz com que, quando ele informa, o que ele diz pode ser considerado digno de fé. Entretanto, por outro lado, por conta dessa posição, pode-se atribuir-lhe intenções manipuladoras que fazem com o que ele disser seja, ao contrário, suspeito pelas razões táticas evocadas anteriormente. (CHARAUDEAU, 2009, p.52)

No caso de Marcelo Rezende podia também ser percebida uma determinada mudança de papéis do apresentador, pois em algumas ocasiões ele parecia se colocar como apresentador de programa de auditório inserindo humor na apresentação, por exemplo, o teor opinativo ao se referir às notícias, e também a sua relação com o público, além da subversão do seu discurso sendo usado em diferentes campos que não a TV como no caso dos memes⁹.

⁹ Reapropriação humorística de imagens de meios de comunicação, figuras públicas e ou notícias viralizado na internet por redes sociais.

O apresentador possuía uma espécie de intimidade com os telespectadores e em seu discurso ele construía um juízo de valor e deixava bem claro suas opiniões. Durante a apresentação ainda identificamos a postura de verificador desse apresentador que criticava, inclusive, em alguns casos, a própria equipe de trabalho e também dirigia o programa. Um exemplo é o famoso “corta pra mim¹⁰” de Marcelo Rezende que também demonstrava sua autoridade e dinâmica complexa dentro do programa. Variava os tons de voz, o que demonstrava diferentes emoções do apresentador, algo comum em telejornais temáticos policiais, onde se permite que o discurso carregue intensidade e as vezes se insere discurso de valor e julgamento. Havia também variação entre expressões faciais sérias e descontraídas durante uma mesma transmissão, revelando uma narrativa complexa e incomum entre âncoras de telejornal. Pode-se destacar também uma interação de humor entre o apresentador e o comentarista Percival, evidentemente mais forte quando o programa era apresentado por Marcelo Rezende, utilizando como recurso algumas piadas sobre as suas vidas pessoais. O tom de seriedade e humor costuma variar entre os blocos de acordo com os assuntos que são discutidos nas reportagens.

Atualmente, o apresentador Luiz Bacci ainda carrega alguns elementos discursivos dessa natureza dinâmica, de autoridade e opinião deixadas pelo antigo apresentador. A seriedade é mais forte em Luiz Bacci, portanto muitos dos elementos cômicos já não são usados com a mesma frequência que eram por Marcelo Rezende. O apresentador atual continua variando tons de voz dado o momento e o assunto a ser apresentado, mas de maneira menos teatral e mais séria. Mas ele ainda tenta produzir sensações de suspense, por exemplo, principalmente nos casos de flagrantes policiais.

Pode-se perceber na construção do programa a forma dos agentes sempre se posicionarem compromissados com a verdade e a realidade, exercendo uma certa função de verificadores dos fatos e investigadores. Também a intenção de criar uma relação de credibilidade. Isso tudo se relaciona com a intenção do gênero telejornalístico de se basear na realidade e a partir dela construir uma representação dos fatos. Essa é a intenção do discurso do *Cidade Alerta*, em toda a narrativa essa é uma característica que está presente, referente a isso Guttman afirma que:

¹⁰Bordão do apresentador Marcelo Rezende utilizado quando ele solicitava que a câmera o focasse e que a imagem dele passasse a ser exibida na tela.

Com base na situação comunicativa encenada pela apresentação do estúdio, mas que se estende pelas demais unidades gravadas ao vivo, o telejornal se posiciona enquanto sujeito onipresente, macronarrador dos fatos. É interlocutor aquele que se permite ser interpelado por essa ‘instância de revelação das coisas do mundo’. (GUTTMAN, 2014, p.305)

Para Charaudeau, a credibilidade almejada pela mídia é anterior à busca da própria verdade, segundo o autor “o que está em causa aqui não é tanto a busca de uma verdade em si, mas a busca de ‘credibilidade’” (CHARAUDEAU, 2009, p.49), isto é, aquilo que determina o “direito à palavra dos seres que comunicam, e as condições de validade da palavra emitida” (CHARAUDEAU, 2009, p.49) e que com isso:

O crédito que se pode dar a uma informação depende tanto da posição social do informador, do papel que ele desempenha na situação de troca, de sua representatividade para com o grupo de que é porta-voz, quanto do grau de engajamento que manifesta com relação à informação transmitida. (CHARAUDEAU, 2009, p.52)

Sendo assim a apropriação de elementos discursivos na construção narrativa do telejornal é um fator importante para que seja legitimado o que está sendo afirmado e apresentado ali, pelos atores sociais que detém o poder de fala do programa.

O *Cidade Alerta* utiliza muitas vezes o recurso de reconstituições de crimes com narração do próprio apresentador ou repórter. No discurso do apresentador percebe-se certa descrição dos crimes com suas próprias palavras, que segundo Campello:

[...] por ausência de imagens, as emissoras são obrigadas a recorrer às reconstituições, por meio de desenhos e de ilustrações, que vão servir de suporte de imagem à narração do repórter. Ou ainda em tantas outras produções televisivas, jornalísticas ou não, em que a simulação, ancorada no uso de atores que encenam uma suposta realidade, é que vai apoiar a representação de um determinado fato (acontecimento). (CAMPELLO, 2008, p.53)

Nas reconstituições de crimes são utilizados sons extradiegéticos de fundo, sons externos que são colocados no vídeo durante a edição, nesse caso são os BG’s, os chamados back grounds, trilhas sonoras que são utilizadas com a intenção de criar suspense na narrativa, alterna-se entre sonoras e passagens de repórteres, além de fotos dos envolvidos. As reconstituições costumam ser grande parte das reportagens apresentadas. Mas na maioria delas o repórter indica os locais onde ocorreram os crimes, e os narra, portanto não se usa com frequência elementos gráficos ou atores. O repórter de rua se posiciona no local do ocorrido e realiza uma performance frente às câmeras em que indica com gestos e fala sobre cada ponto do acontecimento e o narra cronologicamente. São utilizados elementos de som e efeitos de vídeos durante a fala do repórter em algumas das

reconstituições, o objetivo da escolha desses efeitos é de possivelmente criar um clima de suspense e/ou dramaticidade. Isso pode revelar a intenção do telejornal de deixar a atmosfera da reportagem ancorada nas sensações que tais elementos possam causar no público perante ao acontecimento sendo ele construído narrativamente dessa forma.

No caso de morte, por exemplo, a reconstituição produzida a partir da descrição busca conter o máximo de detalhes do assassinato, mesmo que o caso ainda esteja em investigação da polícia. Para a autora Letícia Cantarela Matheus, a morte quando apresentada como notícia é um fenômeno onde se apresenta o que há de descontinuidade da experiência em sociedade, ou seja, há “uma ruptura da ordem” e assim despertar sentidos no telespectador de insegurança, por exemplo, segundo ela:

[...] a morte como ruptura da ordem e é dessa ruptura que é feita a notícia, tentando dar uma explicação reconfortante, esse mecanismo combina perfeitamente com a perplexidade diante da perigosa cidade moderna [...] pode-se supor que os meios de comunicação acabem por despertar a sensação e falta de controle sobre a realidade, de insegurança, de angústia... (MATHEUS, 2011, p.57)

A construção deste telejornal transmite essa angústia, essa disputa de poder e de direitos, como o direito a segurança por exemplo, que sofre quem vive principalmente em regiões urbanas de grandes populações.

Com esse panorama da construção do *Cidade Alerta*, pretendo entender nos próximos capítulos como esse discurso trabalha a representação da mulher transgênero do telejornal. Portanto é necessária que seja feita uma discussão sobre identidade de gênero e suas implicações na realidade brasileira, levando em consideração que o recorte feito pelo programa é feito dentro de um contexto da vida de várias dessas mulheres. Sendo assim, no próximo capítulo irei relacionar conceitos de teorias sobre identidade de gênero e de representação, e como ela pode ser reveladora de tensões sociais e problemáticas que iram ser mais aprofundadas no capítulo que analisarei quatro reportagens dos anos de 2016 e 2017 em que mulheres trans são representadas.

Capítulo 2 - Identidade, gênero e representação – transgeneridade e tensões sociais

Na narrativa construída no *Cidade Alerta* é também construída uma representação das notícias e das pessoas envolvidas, os atores e personagens dessas histórias. Ela revela algumas tensões, valores e problemas presentes no cotidiano das personagens centrais das reportagens do corpus escolhido que estão presentes no discurso do telejornal.

Tendo como corpus dessa pesquisa reportagens realizadas pelo *Cidade Alerta* que representam as mulheres trans, assunto recorrente no programa, irei relacionar neste capítulo os conceitos de representação, identidade e gênero.

2.1 Representação

Sabe-se que a representação midiática é algo que se constrói na televisão, em jornais, publicidade, livros, filmes, entre outros. Nessa construção são relacionados e utilizados diversos artifícios imagéticos e discursivos, com a intenção de reorganizar signos, discursos e práticas presentes na sociedade fazendo referência a uma representação social, uma que orienta as pessoas nas relações, no convívio do dia a dia e com especificidades em diferentes culturas. Mas o que seria a representação em si? Stuart Hall afirma que:

Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos. (HALL, 2016, p. 31)

O autor também afirma que a representação é algo que construímos em sociedade, somos nós, sujeitos em sociedade, que atribuímos sentido as coisas e os compartilhamos culturalmente. No entanto alguns sentidos compartilhados em certos grupos e/culturas podem não ter o mesmo significado em outras. Relações de poder que permeiam nossas relações em sociedade geram práticas de estereotipagem como prática de diferenciação do “eu e o outro” e a “estereotipagem implanta uma estratégia de ‘cisão’, que divide o normal e aceitável do anormal e inaceitável.” (HALL, 2016, p. 191). Esse conceito se relaciona ao de identidade e a diferença que segundo o autor Tomas Tadeu da Silva são coexistentes na cultura onde estão presentes discursos hegemônicos, para o autor:

a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos [...] Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação lingüística. (SILVA, 2000, p.73)

As relações de poder na sociedade, portanto são produtos do discurso que permeia as relações, são construídas. Identidade e diferença estão dentre as maneiras que a sociedade compartilha em exercer poder nas relações, elas portanto convivem em tensão, pois ao se diferenciar de algo ou alguém um sentido de estereótipo é compartilhado e por consequência, os estigmas.

Tendo isso em vista relaciono os discursos hegemônicos que permeiam as relações sociais, no que tange as sexualidades e identidades de gênero com o que é representado no telejornal. Para isso me aprofundarei um pouco mais na realidade do grupo social que das personagens representadas nas reportagens a serem analisadas em um próximo capítulo, as mulheres trans. As teorias feministas dão a sustentação necessária para entender como é produzida essa identidade e como podemos compreender os desafios e problemáticas que cercam as mulheres numa sociedade patriarcal e machista que oprime a mulher em diversas instâncias.

2.2 Identidade

Na sociedade moderna existem alguns padrões de comportamento impostos por instituições sociais e relações de poder em diversas instâncias. Cada indivíduo deve seguir uma conduta e se identificar de certa maneira seguindo esse pressuposto. A conduta a ser seguida a que me refiro vai se basear principalmente de acordo com o sexo ou gênero de cada um, conceitos que pretendo me aprofundar ainda neste capítulo. A relação social do sexo e do gênero é baseada numa heteronormatividade¹¹, assim os indivíduos que não se encaixam nessa lógica sofrem de diversas violências.

¹¹ “[...] a heteronormatividade pode ser compreendida, como já sugerido anteriormente, como a imposição das normas heterossexuais, incluindo sua função de perpetuação da espécie pela procriação, gerando padrões de comportamentos desejados em que as performances de ‘homem’ e de ‘mulher’ são as únicas aceitáveis.” (LEAL; CARVALHO, 2008, p.73)

A lógica proposta por um discurso hegemônico heteronormativo, gera tensões sociais onde alguns grupos sofrem diversas violências e opressões por serem diferentes. Sobre essa tensão Tomas Tadeu relaciona a afirmação da identidade com outros fatores que a constroem e fazem com que sejam atribuídos ao indivíduo como ato de diferenciação através de estereótipos, mas por outro lado como forma de se posicionar contra as opressões:

Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. (SILVA, 2000, p.75)

Proponho nesta pesquisa analisar a representação de mulheres transgênero e/ou travestis no telejornal *Cidade Alerta*, portanto o contexto social em que essas mulheres se inserem atualmente pode revelar a origem de algumas das características que o telejornal utiliza ao representar essas personagens, questão central deste trabalho.

A experiências sociais dessas mulheres trans são, em grande escala, ancoradas em questões problemáticas principalmente no que diz respeito a direitos civis garantidos a qualquer cidadão pela constituição brasileira. O contexto atual no Brasil¹² revela que essas mulheres enfrentam preconceitos em várias instituições e espaços. Não conseguem muita oferta de trabalho e, em alguns casos, falta de acessibilidade a serviços e espaços públicos.

Com a cidadania negada em tantas esferas, a população LGBT é mais vulnerável e é executada todos os dias pelo simples fato de existir. No Brasil, a expectativa de vida de travestis e transexuais é de apenas 35 anos – para comparação, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) calcula que a expectativa de vida do brasileiro é, em média, de 75 anos. Segundo dados da ONG Transrespect, nosso país, sozinho, registrou 38% dos assassinatos dessa população que ocorreram em todo mundo entre janeiro de 2008 e junho de 2016. (SOARES, 2017, p.4)

É imposto muitas vezes à população LGBT que se mantenha em determinados locais e em determinadas funções pela negação de diversos direitos e principalmente pela homofobia, lesbofobia e transfobia que essas pessoas sofrem diariamente. A falta de acesso à educação, por exemplo, realidade na vida dessa população como a autora afirma, faz com que grande parte desse

¹²O último relatório do Grupo Gay da Bahia de 2017 diz que “445 LGBT+ (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) morreram no Brasil, (incluindo-se três nacionais mortos no exterior) em 2017 vítimas da homotransfobia: 387 assassinatos e 58 suicídios [...] um aumento de 30% em relação a 2016, quando registraram-se 343 mortes.” (GGB, 2018, p.01)

grupo trabalhe com profissões de baixa renda ou informais gerando assim uma vulnerabilidade social e econômica.

Isso pode ser visto em algumas pesquisas atuais sobre a realidade das trans, como explicita o Mini Manual do Jornalismo humanizado, na Parte V: LGBT lançado em 2017:

Permanecer nas instituições de ensino é um dos grandes desafios enfrentados, seja porque seus nomes não são respeitados, seja por causa da transfobia¹³ institucional. Isto é, uma estrutura inteira não acolhe as pessoas trans* e suas necessidades, excluindo-as e desrespeitando-as das mais diversas formas, das micro agressões até a conivência com a violência explícita. Em decorrência disso, também faltam oportunidades no mercado de trabalho. (SOARES, 2017, p.25)

A transfobia que a autora cita, assim como muitas das fobias, parte do discurso baseado em doutrinas de religiões que partem do pressuposto de que as identidades devem se basear no sexo biológico numa lógica reprodutiva, onde já se identifica ou denomina uma pessoa no momento do nascimento do corpo, ou até antes. Esse discurso vai interferir na vida das pessoas trans em diversas instâncias assim como Leal e Carvalho (2008) explicam:

[...] há um limite religioso muito bem delimitado, pela histórica resistência em reconhecer a plena cidadania das pessoas LGBT por parte do que a imprensa tem denominado de ‘bancada evangélica’, [...] Os discursos e posicionamentos destes legisladores são pautados, antes de qualquer perspectiva constitucional ou da natureza dinâmica das transformações sociais, por posturas de defesa de valores supostamente respaldados em princípios bíblicos, com destaque para palavras de ordem como ‘defesa da família’, ‘proteção da criança’, ‘defesa da moral e dos bons costumes’ e outros jargões conservadores que sustentam posições homofóbicas. (LEAL; CARVALHO, 2008, p.60)

Os autores estudam neste livro a relação da homofobia e do jornalismo no Brasil em determinados veículos de comunicação, eles deixam claro também a relação dos três poderes nos avanços das garantias de direitos de LGBT¹⁴:

[...] na contramão do Poder Legislativo, o Poder Executivo tem tomado iniciativas que já garantiram, por exemplo, o reconhecimento a pensões em parcerias homoafetivas, bem

¹³ Segundo o Mini Manual do Jornalismo humanizado Parte V: LGBT lançado em 2017, escrito pela jornalista Nana Soares a “Transfobia: Violência e discriminação que atingem especificamente as pessoas trans* por conta de sua condição trans*.” (SOARES, 2017, p.33)

¹⁴ “LGBT é uma abreviação para lésbicas, gays, bissexuais e travestis, transgêneros e transexuais (que são abarcados pela denominação genérica trans*), e começou a ser usada por membros dessas comunidades em um contexto de luta por direitos e cidadania. As pessoas que são contempladas por essa sigla têm algo em comum: sofrem discriminação e preconceito das mais diversas formas em função de suas identidades de gênero ou sexualidade.” (SOARES, 2017, p.4)

como a institucionalização de programas de combate à homofobia em todos os âmbitos da administração do governo brasileiro. Por seu turno, o Poder Judiciário em mais de uma ocasião, proferiu decisões favoráveis ao reconhecimento de direitos antes negados às pessoas LGBT, como adoção de crianças pelo casal e reconhecimento de direito a bens acumulados ao longo de parceria homoafetiva. Embora nem sempre tenham efeito prático imediato no reconhecimento de direitos e na mudança de comportamentos homofóbicos, as iniciativas do Judiciário e do Executivo apontam para atitudes muito distintas daquelas até então prevalentes, embora ainda tímidas e insuficientes para profundas mudanças estruturais e de mentalidades. (LEAL; CARVALHO, 2008, p.62)

A realidade de grupos oprimidos é complexa e tensa, pois são negados alguns direitos apenas por uma pessoa ser mulher, se identificar como uma, ou um homem fugir do padrão de “macho” ou de “homem”, que são identidades que possuem maior privilégio¹⁵. Butler (2003) afirma que a busca por igualdade e a luta pelo fim dos machismos e da estrutura patriarcal parte de estruturas que, muitas vezes, se baseiam nas mesmas lógicas patriarcais a que se que se reivindicam a superação. Segundo a autora: “a crítica feminista também deve compreender como a categoria das ‘mulheres’, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca a emancipação.” (BUTLER, 2003, p.19)

2.3 Gênero/Sexo

O gênero é um conceito que desde o início da vida uma pessoa pode indicar uma direção desse corpo a ocupar algum lugar e exercer algum papel. Estes papéis, que são pré-estabelecidos pelo próprio sistema de organização social para cada gênero, masculino ou feminino, partem da lógica essencialista e binária que desconsidera várias identidades de gênero conhecidas atualmente, como a identidade fluida por exemplo.

A primeira forma de construção de nossa identidade está, portanto, relacionada ao sexo: nascemos menina ou menino. Conforme ocorre nosso ingresso no mundo social, os papéis que deveremos desempenhar como meninos e meninas nos vão sendo repassados. (JOHN, SILVA, 2015, p.1)

Esse processo social de determinação de papéis e mesmo de identidade em que a sociedade pressupõe que os indivíduos devam se adequar é baseado no conceito binário de gênero, e focado no fator biológico do ser. Ou seja, o gênero é muitas vezes entendido como sexo biológico e,

¹⁵ Embora homens trans serem alvo de preconceitos também apesar de se portarem ou se parecerem com o que é entendido como “macho”. Isso porque não seriam legítimos homens, mas transgêneros que estariam subvertendo uma “ordem”.

consequentemente, assim só haveriam dois gêneros imutáveis e inevitáveis disponíveis, o masculino ou feminino. Esse pressuposto exclui diversas possibilidades de experiências de diversos indivíduos que estão e estiveram convivendo em sociedade desde a história antiga da humanidade. Nos estudos sobre a teoria queer, Guacira Louro afirma que:

A declaração “É uma menina!” ou “É um menino!” também começa uma espécie de “viagem”, ou melhor, instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção [...] processo que é baseado em características físicas que são vistas como diferenças e às quais se atribui significados culturais. (LOURO, 2008, p.15)

A realidade mostra em diversos casos que o dado do sexo biológico de um corpo não pode sozinho o guiar e atribuir a esse corpo um determinado um papel social. Por isso tentarei entender o conceito de gênero e tornar clara assim a diferença entre sexo e gênero, pois penso que pode ser um início na discussão que tenta incluir os indivíduos que não se identificam nos parâmetros padronizados como no caso de pessoas transgênero.

O uso do termo gênero no lugar de sexo é certamente uma forma de nos desviarmos da ideia de que as identidades de gênero são automaticamente ligadas ao sexo do corpo, e que a partir da constatação do sexo biológico de nascimento de cada ser. Essa mudança de perspectiva surgiu em estudos feministas que Guacira Louro relacionou em um panorama histórico, em “Gênero, sexualidade e educação – Uma perspectiva pós-estruturalista”, onde afirmou que:

através das feministas anglo-saxãs que *gender* (gênero) passa a ser usado como distinto de *sex* (sexo). Visando “rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual”, elas desejam acentuar, através da linguagem, “o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo”. (SCOTT apud LOURO, 2011, p.25)

Essa substituição de termos, separa o sexo do corpo das atitudes de um indivíduo, afirmando assim que uma pessoa não é obrigada a se portar de determinado jeito e de acordo com o seu sexo biológico por exemplo. Não há, portanto, a intenção de excluir esse fator da construção desses estudos, sobre isso Louro afirma que:

Ao dirigir o foco para o caráter “fundamentalmente social”, não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas.” (LOURO, 2011, p.25-26)

Assim a relação entre o sexo e o gênero seria mais próxima do que totalmente interdependente, o gênero pode até se basear no sexo, pois os corpos humanos são sexuados e o

conceito de gênero é construído a partir de alguns elementos que entendemos como sendo de cada sexo numa lógica binária, mas a relação não é totalmente de interdependência.

Sara Salih que estuda a obra de Judith Butler ressalta que a autora “desenvolve o que chama de ‘uma teorização discursiva da produção cultural do gênero’, em outras palavras, ela trabalha a partir da premissa de que o gênero é um construto discursivo, algo que é produzido e não um fato natural.” (SALIH, 2012, p.74) Sendo assim a maneira como cada indivíduo conduz sua vida além de ser baseada na sua identidade de gênero, essa mesma identidade é produto da experiência em sociedade, construção cultural. Butler circula que o gênero é produto da cultura em “Problemas de Gênero”:

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tão aparentemente fixo quanto o sexo. (BUTLER, 2003, p.24)

Para Nicholson (1999), essa relação em que a ideia de gênero se baseia no sexo é denominada “fundacionalismo biológico” ela reitera que esse termo não se “equivale ao determinismo biológico”, que concorda com o discurso que atribui ao gênero a prisão ao sexo biológico, pois nesse caso há um “elemento de construcionismo social.” (NICHOLSON, p.5) Portanto apesar de entender o fator biológico como fundante de um discurso social que imprime no indivíduo uma possível identidade, no “fundacionalismo biológico” também se considera a construção da personalidade pela cultura e experiência de cada sujeito. Gênero não seria assim totalmente desprezado do sexo, esse último, porém não é o fator absoluto na construção da identidade. O gênero, portanto, é o que se constitui socialmente a partir do sexo nessa perspectiva (NICHOLSON, 1999).

Para Judith Butler, a teoria que separa gênero de sexo com o intuito de deixar de lado o pressuposto que diz que o fator biológico é determinante na construção da identidade pode, por outro lado, transferir o determinismo para a cultura, já que se atribui a ela a produção social do gênero (BUTLER, 2003). No entanto, ela afirma que essa distinção pode ser eficaz ao relacionar a identidade gênero como algo que possibilita o entendimento da fluidez e da diversidade de identidades existentes:

Levada a um limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. (BUTLER, 2003, p.24)

Na lógica dos discursos hegemônicos que compõem a estrutura social baseada no patriarcado, os corpos recebem um projeto de vida ou trajetória baseados no seu gênero biológico independente da construção da sua identidade, fator que poderia levar em conta sua identificação ou não com seu próprio corpo¹⁶, e também da sua experiência cultural adquirida pela sua vivência em sociedade. Guacira Lopes afirma que dentro da lógica do discurso hegemônico o sexo é um dado anterior a cultura, portanto é um fator imutável e binário e que o sexo determina o gênero e a forma de desejo do indivíduo e segundo a lógica o sexo biológico seria o fator determinante da identidade de uma pessoa. (LOURO, 2008)

2.4 Transgeneridade

No caso da transgeneridade, a lógica que busca basear a possibilidades e papéis identitários primordialmente no sexo biológico é rompida. A pessoa transgênero vai se identificar como o gênero oposto ao seu sexo biológico, sendo assim fica bem perceptível a diferença entre sexo e gênero. Isso causa estranhamento e confusão em algumas pessoas. A falta de discussão sobre o assunto é um fator importante para entendermos ou começarmos a pensar na causa de tantos problemas e preconceitos enfrentados por transgêneros.

Por outro lado, há também confusão no que diz respeito a orientação sexual de transgêneros, há casos de homens trans gays que engravidaram de seu parceiro, por exemplo, por isso concordo com Soares, quando diz que “É essencial notar que orientação sexual e identidade de gênero são conceitos independentes, e uma pessoa pode ser transexual e hétero, assim como bissexual e lésbica e por aí vai. Um conceito diz respeito a você e o outro a por quem você se atrai.” (SOARES, 2017, p.6)

A teoria queer pode ajudar na tentativa de compreender as complexidades em que os e as transgêneros vivem, pois se baseia em contestações, questionamento de normas e lógicas estabelecidas na estrutura social. Sendo assim ela pode ser um meio para questionar a lógica fundante da identidade pelo sexo biológico, por exemplo, presente nos discursos religiosos que perpassam as relações políticas no Brasil atualmente. O autor Richard Miskolci faz um pequeno

¹⁶ Nesse caso o conceito de transgênero se aplica, pois, a pessoa transgênero é aquela que não se identifica com o seu gênero biológico, ou seja, se identifica psicologicamente com o sexo oposto ao do seu nascimento. Por outro lado a pessoa que se identifica psicologicamente com o seu sexo de nascimento é cisgênero.

panorama histórico de movimentos sociais a partir dos anos 60 em “Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças” e evidencia as distinções e fragilidades do movimento gay da época que podem ser percebidos também atualmente:

[...]enquanto o movimento mais antigo defendia a homossexualidade aceitando valores hegemônicos, os queer criticam esses valores, mostrando como eles engendram as experiências da abjeção da vergonha, do estigma [...] o novo movimento queer voltava sua crítica à emergente heteronormatividade, dentro da qual até gays e lésbicas normalizados são aceitos, enquanto a linha vermelha da rejeição social é pressionada contra outr@s, aquelas e aqueles considerados anormais ou estranhos por deslocarem o gênero ou não enquadrarem suas vidas amorosas e sexuais no modelo heterorreprodutivo. (MISKOLCI, 2012, p.25)

Apesar de existir o estigma dos homossexuais, a violência gerada pelo estigma dos transgêneros é ainda maior e inclusive já ocorre simbolicamente ao chamarem¹⁷ ele trans de ela, e ela trans de ele, além de atos mais violentos que infelizmente também acontecem, e que chegam a assassinato em número alarmante, visto o índice de morte de pessoas transgênero por exemplo. Há reivindicações básicas sendo feitas pelas pessoas trans no Brasil atualmente:

Entre as principais reivindicações da população trans, segundo Bernardo Mota, coordenador do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT), estão: Correção do nome civil, despatologização da identidade trans, direito à identidade (vinculado ao nome social e visibilidade, cidadania e respeito), poder usar os banheiros de acordo com seu gênero (SOARES, 2017, p.22-23)

Portanto colocar em xeque a norma social de como cada indivíduo deve se portar de acordo com seu sexo, que entendo ser o que causa o conflito e tensão no que se diz respeito aos transgêneros (pois essas pessoas simplesmente invertem toda a ordem heteronormativa e binária baseada no sexo biológico), acaba por se ancorar principalmente no movimento queer que busca basicamente questionar a própria existência de tais normas.

Como as tensões e a desigualdade entre os sujeitos de uma sociedade são provenientes de variadas instâncias (instituições, classes, discursos), que não somente da relação entre indivíduos que exercem determinados papéis sociais é preciso pensar o gênero como constituinte de identidades e não somente de papéis individuais (LOURO, 2011).

¹⁷O uso do nome social já é regulamentado por um decreto da presidenta Dilma Roussef de 28 de Abril de 2016, poré ainda não foi implantado em todas as plataformas e serviços. O decreto prevê que “os registros dos sistemas de informação, de cadastros, de programas, de serviços, de fichas, de formulários, de prontuários e congêneres dos órgãos e das entidades da administração pública federal direta, autárquica e fundacional deverão conter o campo “nome social” em destaque [...] A pessoa travesti ou transexual poderá requerer, a qualquer tempo, a inclusão de seu nome social em documentos oficiais e nos registros dos sistemas de informação, de cadastros, de programas, de serviços, de fichas, de formulários, de prontuários e congêneres dos órgãos e das entidades da administração pública federal direta, autárquica e fundacional” (BRASIL, 2016)

As tais tensões provocadas ou decorrentes da presença da identidade transgênero na sociedade pode ser entendida por “evidenciarem, mais do que outros, o caráter inventado, cultural e instável de todas as identidades. São significativas, ainda, por sugerirem concreta e simbolicamente possibilidades de proliferação e multiplicação das formas de gênero e de sexualidade”. (LOURO, p.23). A própria existência dessas identidades pode ser um fator que coloca em xeque a veracidade, eficácia e importância da tentativa do sistema social de se criar rótulos e encaixar as pessoas em papéis pré-determinados de acordo com suas características físicas, classe e gênero.

E ainda pode ser daí que o mesmo sistema, por meio das instituições sociais crie mecanismos de silenciamento e sendo mais extremista, de higienização com o intuito de se livrar de qualquer tipo de ameaça as categorias, normas, padrões e relações sociais culturalmente aceitas e plausíveis historicamente (mais especificamente na história moderna e contemporânea). É sabido que existem as categorizações dos indivíduos e que isso já implica possíveis relações de conflito.

Preciado¹⁸, autor do livro “Manifesto contrassexual práticas subversivas de identidade” sexual (2014), caracteriza a transgeneridade incluindo fatores importantes para entendermos a construção dessa identidade, como por exemplo, “tecnologias” que o corpo trans utiliza em determinados momentos da sua experiência. A contrassexualidade que é discutida na obra se relaciona com a transgressão da lógica do discurso hegemônico que citei anteriormente pela transgeneridade, “A contrassexualidade não é a criação de uma nova natureza, pelo contrário, é mais o fim da Natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros”. (PRECIADO, 2014, p. 21)

O autor refere-se ao corpo físico de pessoas trans como um fator importante para entender o conceito de gênero, pois nesses corpos se modificam as marcas de gênero, as características desejadas por cada indivíduo ao passar pela transição:

O que as comunidades transexuais e transgênero colocaram em evidência não é tanto a performance teatral ou de palco dos gêneros (*cross-gender*), e sim as transformações físicas, sexuais, sociais e políticas dos corpos fora da cena; de outro modo, tecnologias precisas de transincorporação: clitóris que crescerão até se transformarem em órgãos sexuais externos, corpos que mudarão ao ritmo de doses hormonais, úteros que não procriarão, próstatas que não produzirão sêmen, vozes que mudarão de tom, barbas, bigodes e pelos que cobrirão rostos e peitos inesperados, dildos que terão orgasmos. Vaginas reconstruídas que não desejarão ser penetradas por um pênis, próteses testiculares

¹⁸ Preciado é um homem trans que anunciou sua transição em 2015, hoje seu nome é Paul B. Preciado, antes era Beatriz Preciado.

que ferverão a cem graus e que poderão, inclusive, ser fundidas no micro-ondas... (PRECIADO, 2014, p.93-94)

O autor mostra que a relação dos transgêneros com o próprio corpo, e creio eu que também com a mente, é mais complexa que a de pessoas cis, por exemplo. Sua experiência envolve não só sua relação com o seu corpo, mas também a relação desse corpo com a sociedade e os papéis sociais que nele estão sendo ou serão circunscritos. Outro ponto que pode ser discutido a partir desse trecho do texto do autor é que as transformações, as implantações de tecnologias nesses corpos mostram como o conceito de construção social de gênero pode ser verdadeiro.

As relações sociais conflituosas apontadas até aqui por meio dos conceitos de gênero e identidade se relacionam com a necessidade das discussões sobre a transgeneridade trazerem à tona os problemas sociais que essas pessoas enfrentam. Essa parte da população que se identifica com o sexo oposto ao do seu nascimento, ainda não tem seus direitos completamente garantidos pela legislação de alguns países e o Brasil se inclui nessa lista. O índice de crime de gênero no Brasil é alarmante¹⁹, mesmo tendo em vigor as leis de Femicídio²⁰ e Maria da Penha²¹, por exemplo. O número de assassinato de mulheres trans no Brasil é alto e crimes de violência contra elas são recorrentes nos telejornais, além de notícias que abordam a prostituição de travestis em grandes metrópoles.

As reportagens a serem analisadas adiante mostram no recorte feito como algumas das relações de conflito vividas pelas mulheres trans no Brasil são representadas no telejornal policial *Cidade Alerta*. São quatro reportagens de tempo médio de dez minutos cada, dos anos de 2016 e 2017, onde há grande exploração da imagem das personagens que são vítimas de crime de gênero, feminicídio, e grande exploração da narração e/ou explicação dos fatos apurados sobre o acontecimento até o momento da exibição.

¹⁹O levantamento do Grupo Gay da Bahia revela que 2017 foi o ano com o maior número de assassinatos da população LGBT desde o início da pesquisa, há 37 anos, aproximadamente a cada 19 horas, um LGBT morre de forma violenta por motivação homotransfóbica no Brasil (GGB. 2018) Dados disponíveis em: <https://homofobiamata.wordpress.com/2017-2/>

²⁰ Lei que prevê aumento da pena a ser cumprida no caso de assassinato de mulheres por razões da condição de sexo feminino: “Considera-se que há razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve: I - violência doméstica e familiar; II - menosprezo ou discriminação à condição de mulher” Vide em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm

²¹ Projeto de Lei que cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Vide em : http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm

Capítulo 3 – Corpus e Análise

3.1 Características do programa

O *Cidade Alerta* é um telejornal temático produzido na central de jornalismo da Record em São Paulo e transmitido no fim das tardes a todo Brasil, além de possuir versões locais em algumas capitais brasileiras. O telejornal é apresentado atualmente por Luiz Bacci. O programa estreou em 1995 ficou no ar até o ano de 2005. Ficou fora da grade da TV por alguns anos retornando apenas em 2011. O cenário do programa é parecido com outros telejornais temáticos, há uma tela de TV ao fundo que geralmente mostra fotos dos personagens da próxima reportagem a ser exibida, não há móveis, ao fundo há uma imagem fixa de meio urbano com prédios e ruas tudo em cores sóbrias com variações de cinza a azul, além do vermelho. Em algumas das emissões do programa são utilizados elementos de cena como poltronas e objetos de decoração.

Marcelo Rezende é o apresentador mais emblemático do *Cidade Alerta*. Nos últimos anos, ele levou o programa a outras plataformas e teve seu discurso reapropriado na internet diversas vezes²². Atualmente, o apresentador é Luiz Bacci, quando era repórter do programa Luiz era como um “discípulo” de Marcelo que o tratava por apelidos como: “menino de ouro”. Luiz Bacci apresentava o programa em algumas ocasiões, quando Marcelo Rezende foi se tratar de um câncer Luiz assumiu a apresentação do telejornal.



No *Cidade Alerta*, o apresentador Marcelo Rezende ganhou destaque apresentando o programa pelo seu jeito de inserir humor no formato policial, alternando seu próprio humor no tom de voz e expressão facial. O jargão “corta pra mim” foi replicado nas redes e nas ruas por

²²O jeito de Marcelo Rezende apresentar o telejornal inspirou a usuários de redes sociais a criarem outras narrativas com suas falas, como vídeos no Youtube onde compilam suas falas e criam uma história totalmente ancorada em um certo tipo de humor ou em memes compartilhados no Twitter e Facebook.

principalmente provocar o riso do telespectador. Sua imagem já não era tão séria como na época em que apresentava o Linha Direta na Rede Globo.

Luiz Bacci iniciou sua carreira aos 11 anos em uma rádio de Mogi das Cruzes, São Paulo. Esteve no canal SBT apresentando o Aqui Agora em uma reestreia no ano de 2008 e entrou para a equipe do Cidade Alerta em 2012.

A construção do *Cidade Alerta* utiliza elementos tradicionais do gênero telejornal e também elementos próprios da sua narrativa por se aproximar mais de temas policiais. Percebe-se uma certa desorganização narrativa na construção do telejornal. A organização do programa parece ser feita na hora, no improviso e focada em criar esse clima de suspense e tensão. O discurso produzido no telejornal parte muitas vezes desta característica coloquial ou do improviso de se construir a sua narrativa.

As reportagens em geral seguem uma mesma estrutura de narrativa, mas podem ser interrompidas a qualquer momento durante a transmissão do programa para se exibir flagras ao vivo, geralmente acidentes, fugas e perseguições policiais e até anúncios. O apresentador introduz o assunto da reportagem com alguma imagem ou foto de algum envolvido sendo exibidos na tela do fundo do estúdio. A matéria entra no ar, geralmente com algum repórter descrevendo o acontecimento, dentro da narrativa podemos perceber sonoras e passagens, em alguns casos algum material de arquivo ou da internet, como vídeos e fotos. Os vídeos e fotos são repetidos várias vezes, antes da reportagem entrar no ar, durante a exibição dela e ainda depois, quando o apresentador costuma comentar sua opinião sobre o caso.

As imagens exibidas com mais frequentes no *Cidade Alerta* são de câmeras de trânsito, de segurança, sonoras em delegacia e panorâmicas do helicóptero da Record, além de exibição de várias fotos de vítimas de crime ou criminosos, encontradas principalmente em redes sociais. Utiliza-se também em várias reportagens, filmagens de câmera na mão de flagrantes cedidas pela Polícia Civil.

3.2 O corpus

O recorte da análise foi feito nos anos de 2016 e 2017 em quatro reportagens de maior tempo de exibição no programa. Elas são:

- Travesti sofre agressão e é baleada ao tentar fugir 08/04/2016 (00'00'' a 08'48''- 48'00'' a 50'35''): reportagem foi o grande destaque da edição do programa e foi exibida no início e próximo ao fim da exibição do *Cidade Alerta*.

<https://www.youtube.com/watch?v=FykVbHSWomU>

- Homem mata travesti em motel após encontro amoroso 10/04/2017 (00'00'' a 15'57'')

https://www.youtube.com/watch?v=uJS_gHgWNs

- Transexual morre apedrejada após festa em Anápolis (GO) 01/03/2017 (00'00'' a 04'24'')

<https://www.youtube.com/watch?v=4TnauJdtEts>

- Bandidos abusam e matam transexual em Goiás 03/05/2017 (suíte) (00'00'' a 05'07'')

<https://www.youtube.com/watch?v=m1QugQ8hp8Q>

Método de escolha do *corpus*

Inicialmente tive o desafio de definir os termos que me trariam os vídeos correspondentes as reportagens sobre mulheres trans, para que dentro dos resultados eu pudesse fazer a melhor escolha dos vídeos que traziam um conteúdo que responderia de alguma forma a pergunta do meu problema: como é feita a construção da representação da mulher trans no *Cidade Alerta*?

Deduzi que os vídeos conteriam os termos “travesti” ou “transexual” incluídos nos títulos. Sendo assim pesquisei os vídeos das reportagens relacionadas ao assunto da transgeneridade ou transexualidade no portal do *Cidade Alerta* no site da *Rede Record*, porém a amostragem era muito alta e em alguns casos passava dos 100.000 vídeos na relação dos resultados de pesquisa no site, por exemplo. Esse fator dificultou muito a escolha do recorte da minha pesquisa, pois pela minha falta de experiência em análise sobre arquivos audiovisuais, eu não sabia como utilizar as ferramentas de busca de maneira que otimizasse o meu trabalho.

Como o site não possui nenhum filtro de pesquisa, e o portal R7 contém todos os vídeos do jornalismo da *Rede Record*, encontrei diversos vídeos que na maioria das vezes não tinham conteúdo que realmente tivesse relação com a pesquisa. Então incorporei o sinal de + entre os termos, como por exemplo, “reportagem+trans” para que a pesquisa buscasse só vídeos de reportagens diretamente ligadas ou que falavam de trans e/ou travestis, mesmo assim a amostragem

de vídeos era em grande número, pois se relacionavam outras reportagens do telejornal que está no ar a pelo menos seis anos após a reestreia.

Nesse período descobri que o programa possuía um canal no Youtube e que lá eram postados vídeos do programa todo e de reportagens recortadas além de fazer a transmissão ao vivo do telejornal. Decidi então fazer as pesquisas no canal do Youtube do Cidade Alerta. A amostragem foi menor no canal do Youtube em comparação ao site do telejornal, mas mesmo assim alta. Essa diferença se dá principalmente pelo portal buscar notícias relacionadas em todos os programas da *Rede Record* e do próprio site.

Dentre a relação de vídeos percebi que em algumas reportagens o tempo de duração era maior e em alguns casos foram produzidas suítes. Foi então que decidi dar prioridade as reportagens maiores para tentar reduzir o número de vídeos, mas não perder conteúdo, já que em alguns dos casos elas duram mais de dez minutos e tinham potencial para me ajudar a responder à pergunta do problema. Outra ferramenta que me ajudou a reduzir a amostragem foi recortar um período de tempo, portanto escolhi trabalhar apenas com os vídeos de 2016 e 2017 isso reduziu aproximadamente metade da amostragem.

Utilizei nas duas plataformas os termos:

Pesquisa	Número de resultados portal R7	Número de resultados Canal do YouTube ²³
Reportagem+travesti+2016	138.000	05
Reportagem+transexual+2016	65.200	05
Reportagem+travesti+2017	156.000	04
Reportagem+transexual+2017	77.100	04

²³Número de vídeos do canal do *Cidade Alerta* diretamente ligados ao tema pesquisado.

Assim cheguei então a uma lista de quinze vídeos de reportagens maiores e algumas de duração mais curta. Optei então por escolher quatro vídeos, dois são de uma reportagem e uma suíte e os outros uma reportagem cada um, por terem um conteúdo potente para a tentativa de resposta a questão do meu problema de pesquisa e um tempo de exibição interessante para entender como se dá a construção dessas narrativas. Escolhi esses especificamente por terem em seu conteúdo semelhanças na narrativa, como desorganização narrativa, personagens que não possuem voz na construção das reportagens²⁴, por tratarem de transgênero e travestis, mas por outro lado por possuírem diferenças na maneira em que o discurso do telejornal trata diferentes casos de assassinato, a intenção das construções se diferem apesar de terem elementos narrativos que se repetem.

Características das reportagens analisadas

- **Travesti sofre agressão e é baleada ao tentar fugir 08/04/2016**

Esta reportagem narra o caso ainda não solucionado de Laura, uma transexual assassinada em São Paulo. Segundo a reportagem, Laura e uma amiga estariam em um programa com um homem não identificado e, num dado momento e por um motivo não esclarecido pela reportagem, começa-se um conflito que culmina no linchamento de Laura numa rua próxima a um posto de gasolina. Tentando fugir, Laura rouba uma viatura da polícia. Poucos metros depois, ela bate esta viatura e é baleada. Ela estava próxima de casa e foi socorrida por seus pais, que a levaram para o hospital, ainda com vida. No hospital, Laura faleceu. Não fica claro quem são os suspeitos do assassinato de Laura. A real causa da morte dela só é falada no fim do telejornal quanto um repórter em flash ao vivo direto da delegacia que investigava o caso da detalhes do laudo do IML que indicou traumatismo craniano, hemorragias causadas por perfurações e insuficiência respiratória. Durante a reportagem foram descritos o percurso e as ações da vítima antes de chegar ao hospital, as causas da fuga de Laura não são esclarecidas.

²⁴A maior parte das reportagens da lista de vídeos encontrados no canal do Youtube do telejornal era sobre personagens mortas, esse dado fez com que eu escolhesse o corpus a partir dessa característica. Sendo assim todo o corpus é composto por reportagens dessa natureza.

- **Homem mata travesti em motel após encontro amoroso 10/04/2017**

A reportagem narra o assassinato de Camila, travesti que fazia programas em São José dos Campos interior de São Paulo. A morte teria sido causada pela agressão do cliente Jonatas no quarto do hotel que estavam ele e Camila. A reportagem produzida se inicia com a exibição de um vídeo feito pela polícia civil prendendo e interrogando o assassino de Camila repetidas vezes, nesse vídeo ele conta que bateu em Camila durante o encontro e se mostra surpreso com a morte. O repórter anda pela avenida onde a vítima ficava e na frente do hotel onde ocorreu o crime, além da delegacia em que o assassino prestou depoimento. O repórter conta alguns detalhes do depoimento.

- **Transexual morre apedrejada após festa em Anápolis (GO) 01/03/2017**

A reportagem conta sobre a morte de Emanuele, uma transexual de Anápolis (Goiás), que foi assassinada após pegar uma carona depois de uma balada. Ela teria aceitado a carona e deixado a mãe que a acompanhava na rua da casa de shows. Depois de algumas horas foi encontrada morta num matagal e o parecer da polícia dizia que o crime foi motivado por “homofobia”. Há uma sonora com a mãe no local onde encontraram a vítima e também no local onde ela pegou a carona e em sua casa. O repórter narra o trajeto de Emanuele, mostra a casa de shows onde ela e a mãe estavam antes do crime e caminha pela rua onde a vítima pegou a carona, faz mais perguntas à mãe e depois entrevista a mãe e o irmão da vítima na casa deles. A reportagem foi feita enquanto a morte ainda era investigada. São exibidos os objetos pessoais de Emanuele durante a reportagem, a mãe da vítima mostra vestidos da filha no quarto de Emanuele

- **Bandidos abusam e matam transexual em Goiás 03/05/2017 (suíte)**

A suíte mostra os suspeitos do assassinato de Emanuele sendo apresentados em uma delegacia, são exibidas imagens da mãe de Emanuele falando com os assassinos na delegacia e o âncora sugere que eles recebam pena de morte. Há duas sonoradas, uma com a mãe de Emanuele e outra com o assassino confessando que assassinou a vítima. O repórter vai novamente ao local do crime, indica os passos dos envolvidos e explica o que o inquérito policial constatou: Emanuele foi estuprada e, ao descobrirem que ela era transgênero levaram-na a um terreno baldio e a apedrejaram.

3.3 Método de análise

A análise discursiva do recorte feito parte de quatro eixos que julgo importantes para entender aspectos podem revelar como é construída a representação da mulher trans no *Cidade Alerta*. Eixos construídos após uma pré observação do conteúdo e a constatação de subtemas e recorrências ali presentes e que indicavam um caminho para a resposta do problema ou para uma melhor tentativa. Por exemplo, entender como é construído o discurso utilizado pelos repórteres e apresentadores e o dos personagens nessas matérias ou reportagens e refletir sobre como as reportagens se relacionam com a realidade de mulheres trans no Brasil, como a evolução na conquista de direitos e o preconceito ainda existente. Os eixos escolhidos são:

- Eixo 1 – Violência simbólica: desrespeito ao gênero ou a identidade – análise de variações de gênero ao se referirem às personagens no discurso.
- Eixo 2 - Representação de violência física – análise de como é feita a tentativa de reconstituição do crime.
- Eixo 3 – Caos narrativo: construção transgressora da narrativa – análise da construção da reportagem, as sucessões de imagens e falas e/ou repetições
- Eixo 4 – Representação de identidade – análise da maneira como o discurso invoca a identidade das personagens transgênero.

3.4 Análise das reportagens

Eixo 1 – Violência simbólica: desrespeito ao gênero ou a identidade

Aqui proponho analisar a linguagem utilizada para se referir às personagens em que diversas vezes podemos perceber variações problemáticas ao se referir ao gênero das personagens, fator que pode revelar um pouco da intenção do telejornal na construção do discurso. Utilizando os conceitos da divisão binária e distinção de sexo e gênero e sexualidade, vistos no capítulo 2, relacionando com a linguagem utilizada no discurso, visto no capítulo 1 tento revelar como a variação na flexão de gênero pode revelar a intenção de afirmar que aquela identidade pode ser deslegitimada, nesse caso por meio do discurso construído.

Na reportagem “*Travesti sofre agressão e é baleada ao tentar fugir*” de 08/04/2016, percebe-se em vários momentos da narrativa os repórteres e o apresentador utilizaram substantivos masculinos e femininos ao se referirem a Laura. É evidente nessa reportagem a intenção do discurso de revelar a tensão vivida pela vítima por performar uma transgeneridade. São levantados a todo momento termos e denominações binárias, baseados nos sexos biológicos masculino e feminino, não se atentando a complexidade da transgeneridade ou a identificação de gênero da personagem. Essa complexidade é muitas vezes ignorada pela mídia, por exemplo, que constrói um discurso essencialista, baseado em dogmas religiosos que não procuram compreender as diversidades, fenômeno que leva a mídia a ser um ambiente de discriminação e violências simbólicas aos transgressores dessa ordem patriarcal heteronormativa vigente ou de um discurso hegemônico que define o que é normal baseando-se na distinção das identidades a partir do sexo biológico dos sujeitos, como discutido no capítulo 2. Já na reportagem “*Homem mata travesti em motel após encontro amoroso*”, de 10/04/2017 a variação de gênero no discurso do apresentador e do repórter ao se referirem a vítima de assassinato Camila, é pequena, mas acontece em alguns trechos. O apresentador e, principalmente, o repórter se referem a Camila como mulher, em poucos momentos se fala que ela era travesti, mas o nome de registro do documento de Camila é repetido algumas vezes, inclusive no início da reportagem após Marcelo Rezende introduzir o tema, o repórter se refere a ela como “Euzamar”, uma variação do nome que constava no documento de identificação de Camila é Euzemar Ferreira. Na chamada da reportagem é criado um suspense sobre uma sobre um fato relacionado a vítima. A introdução à reportagem simula uma possível revelação da verdade, sobre um possível segredo que a vítima poderia estar carregando. O apresentador diz o nome do documento dela após exibir uma foto de Camila em tela cheia, dizer que Camila é como ela era conhecida e depois contar ao público o seu “verdadeiro nome” ou uma “verdadeira identidade”. Ele diz:

[...]o nome conhecido dessa moça é Camila, na verdade aqui em São José dos Campos interior de São Paulo, mas na carteira do RG, do registro dela o registro geral o nome é Euzemar, é um travesti, ok. Tá parada no meio da rua quando chega um cara, que vai encosta em Camila e vai prum motel [...] esse é o homem que matou o travesti depois de fazer sexo” (Apresentador Marcelo Rezende)

O repórter se refere a Camila como mulher, mulher de programa, Camila e também como Euzemar, um nome masculino. Mas quando diz Camila, deixa claro que é assim como “ela era

conhecida”, e mesmo assim usa o artigo “a” que se refere a nomes femininos antes de falar “Euzamar”, portanto identificamos também nessa reportagem variações de gênero ao se referir a vítima, como pode-se notar no trecho inicial da reportagem:

... A vítima Euzemar Ferreira de 45 anos, conhecida como Camila, ela foi morta durante um encontro amoroso [...] O hotel onde a Euzamar foi assassinada é esse [...] ele encontrou essa mulher, que é conhecida aqui nesta região no centro da cidade como Camila, a mulher de 45 anos, como que é seu nome? Ah meu nome é Camila. Ela usava esse nome na noite, ela tinha dois filhos um de 10 anos outro de 5 anos, e ela fazia programa na esquina ali da frente, há aproximadamente 10 anos.” (Repórter Bruno Peruca)

Na reportagem *“Transexual morre apedrejada após festa em Anápolis (GO)”* de 01/03/2017, percebemos também essa tentativa de simular uma revelação sobre a vítima a introdução da reportagem feita pelo apresentador Marcelo Rezende, consiste em mostrar a foto de Emanuele, na tela ao fundo do estúdio e em alguns momentos em tela cheia, dizendo que a moça da foto é transexual e que o nome do seu documento é Rômulo:

Essa moça...é conhecida como Emanuele, Emanuele, Emanuele tem 21 anos, 21 anos mas o nome de Emanuele na carteira de identidade é Rômulo, vai vendo... Emanuele ou Rômulo, Rômulo né... Rômulo é um transexual, conhecido como Emanuele. De repente, Emanuele e a mãe, e a mãe vão até uma boate e na volta pra casa um cara oferece uma carona pra ela e pra mãe, a mãe num aceita e diz - num vai, num vai. Ele foi, Emanuele foi, não aceitou os conselhos da mãe, horas depois, mostra o local por favor, horas depois o corpo de Emanuele foi encontrado nesse matagal, sabe porquê? Isso foi em Anápolis Goiás, foi encontrado num matagal, a polícia acredita ser por homofobia. (Apresentador Marcelo Rezende)



Durante a reportagem Emanuele é tratada por substantivos femininos na maior parte do tempo, mas em determinado momento o repórter diz: “a mãe abre o jogo: Emanuele na verdade é Rômulo Mateus Gomes, trata-se de uma transexual, ela sempre aceitou as preferências da filha, mas sabe que existe muito preconceito e esse seria o motivo da morte dela”. Nas sonoridades com a mãe e um irmão da vítima, são usados apenas substantivos femininos ao se referirem a ela.

Na exibição da suíte dessa reportagem “*Bandidos abusam e matam transexual em Goiás*” em 03/05/2017, o apresentador se refere a Emanuelle apenas com apenas substantivos e pronomes femininos. Marcelo Rezende demonstra sua indignação sobre o que aconteceu deixando claro que, na sua opinião, os autores do crime merecem pena de morte. Isso se baseia no que ele considera como uma barbaridade, que é tirar a vida de alguém pela sua identidade, essa reação do apresentador pode ser relacionados com os conceitos de apresentadores persona que se coloca como “eu” na apresentação do telejornal, conceito de Guttman apresentado no primeiro capítulo, ele diz:

Quando vai começar a violência sexual, os caras descobrem que Emanuele é transexual, aí eu vou dizer é só matando os caras, sabe o que eles decidem? - ah o que? Transexual? Tem que morrer. E foi...Mostra os cara, essa é a mãe, a mãe frente a frente com os apontados como assassinos, eles se sentiram ofendidos e mataram Emanuele, se alguém me disser que esses caras não merecem ir pra pena de morte, eu vou te contar eu já não sei mais nada, porque não é possível que alguém faça isso com a outra pessoa por uma questão de opção do que a pessoa é ou deixou de ser, é inacreditável, no país que eu inventei esses quatro não iam ter tempo de dar entrevista. (Apresentador Marcelo Rezende)

Na reportagem é dito o nome de Emanuele completo, “Emanuele Muniz Gomes”, assim como o nome do assassino confesso, “Daniel Lopes Caetano”. Diferente da primeira reportagem em que o apresentador diz o nome de batismo de Emanuele e quando ainda não se dizia nada sobre o assassino. O repórter se refere a vítima com apenas substantivos e pronomes femininos.

Percebe-se que ao tratar de casos relacionados à vítimas transgênero o discurso do *Cidade Alerta* não se posiciona de uma maneira apenas ao se referir à elas, há variações na flexão de gênero e há também uma certa tentativa de mostrar que a indefinição da identidade dessas vítimas construídas no seu próprio discurso, é um problema do mundo real e que esse pode ser o fator que as levou a serem vítimas de assassinato.

Eixo 2 - Representação de violência física

Nesse eixo está a análise de como se constrói o relato da violência nas reportagens, através de narrativas e elementos discursivos que reconstituem o fato na fala de repórteres e apresentadores, utilizando conceitos vistos no capítulo 1 e alguns do capítulo 2. Para isso discutirei os elementos utilizados na reportagem para contar como ocorreu a violência sofrida pela vítima.

As reportagens trazem elementos que possibilitam a reconstituição dos fatos que é realizada a partir da narrativa, do discurso dos repórteres e do apresentador. Tais elementos são utilizados

com a intenção de se retratar a realidade, contar em detalhes o ocorrido, embora o nível informacional possa ser discutido, uma vez que as reportagens geralmente serem produzidas nas fases iniciais das investigações. Também pela recorrência das repetições de certas informações durante a exibição dessas reportagens e a falta de aprofundamento na história dos envolvidos e no próprio fato em si.

Essa tentativa de narrar os fatos como foi discutido no primeiro capítulo com conceitos de Campello e Guttman, vai em busca do “retrato da realidade”, produzindo uma narrativa própria da TV.

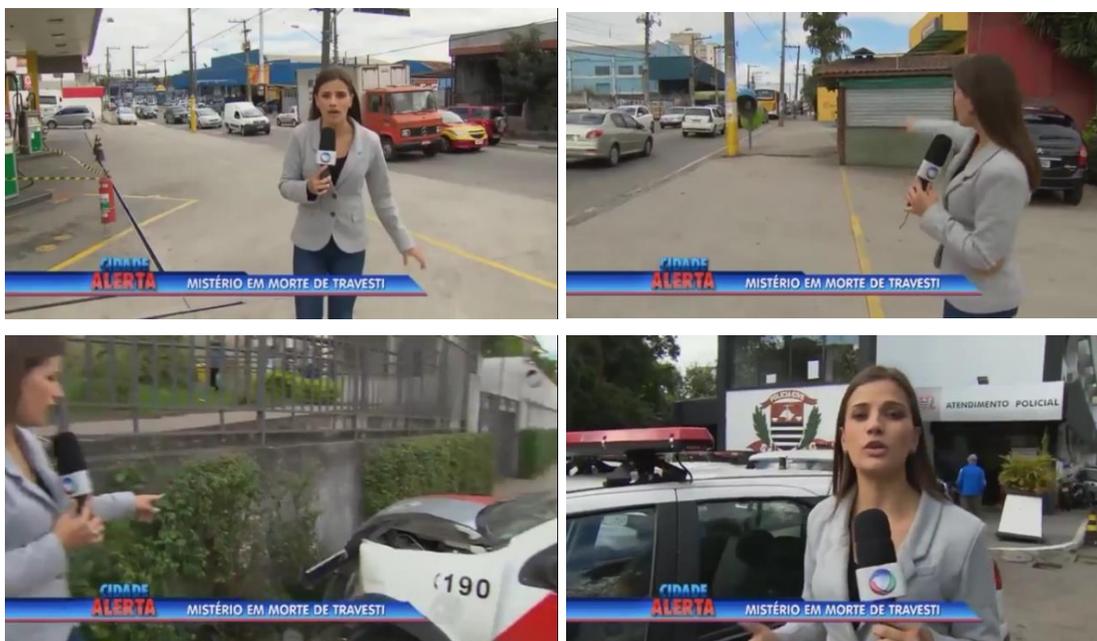
A representação do acontecimento reúne elementos que são partilhados em sociedade, por exemplo, a linguagem, a maneira cronológica de relato, a forma como se fala sobre um acontecimento e também os elementos visuais utilizados para que o telespectador possa ver e assim compreender que aquilo que está sendo apresentado faz parte do seu mundo e da sua cultura, como visto no capítulo 2 no conceito de representação de Hall.

No início do programa, quando o apresentador introduz essa reportagem, ele resume o percurso de Laura fazendo gestos que remetem as ações dos sujeitos envolvidos na cena reconstituída nos discursos dos repórteres e do apresentador, por exemplo, a virada de volante e a entrada do policial na viatura que Laura tentou fugir, Luiz Bacci descreve o ocorrido da seguinte maneira:

[...] dois travestis entram num carro pra fazer programa com um homem e o travesti, a travesti conhecida como Laura, depois de ter feito o programa ela disse pra amiga que tava sendo agredida, no momento que teria pedido pra que o cliente pagasse o programa ela desce do carro e tenta fugir das garras desse cliente entrando numa viatura da polícia, quando o sargento viu que tinha uma travesti entrando na viatura, esse sargento corre, o vidro tava aberto, ele enfia o corpo dentro da viatura e tenta virar com o volante pra que a travesti não conseguisse fugir com o carro da polícia, o carro vai ela consegue acelerar, bate direto num muro e morre. . (Apresentador Luiz Bacci)

Na reportagem “Travesti sofre agressão e é baleada ao tentar fugir” de 08/04/2016, a repórter que visitou o local onde Laura sofreu agressões e levou um tiro de raspão quando tentava escapar, utiliza dos elementos discursivos que dão ao telespectador as pistas para que seja entendido o ocorrido, ao andar pelos pontos onde Laura percorreu e mostrar esses locais dando detalhes das ações da vítima a repórter se coloca como a “reveladora dos fatos do mundo” como visto em Guttman no primeiro capítulo. A construção da narrativa da fuga de Laura se baseia em apresentar cronologicamente os acontecimentos, a repórter “ ‘Capitão’ Nascimento”, direciona o enquadramento da câmera, ou o olhar do telespectador, pela calçada onde Laura passou, na porta

do condomínio onde Laura pediu socorro, na viatura batida que a vítima tentou fugir assumindo a direção e foi impedida por um policial militar e depois na delegacia onde investigavam a morte.



Outro ponto de reconstituição feita, não se baseia em uma cronologia dos fatos, mas descreve em detalhes mais específicos a violência sofrida por Laura. Neste momento, o repórter que estava na delegacia conta o que dizia no laudo do IML, no primeiro link ao vivo: “a causa da morte foi um traumatismo craniano, hemorragia provocada por perfurações por objetos contundentes e também insuficiência respiratória”. Já no segundo link ao vivo o repórter também faz uma reconstituição mais resumida dos fatos, por ter outras informações que não estavam na explicação da reportagem e na introdução do apresentador, ele disse nesse momento que:

A Laura foi deixada em frente a esse posto de gasolina, na avenida Nordeste na zona Leste de São Paulo, por um outro travesti com um cliente, assim que desembarcou aconteceu uma confusão, uma briga generalizada, a polícia militar foi acionada, a Laura tentou fugir dessa confusão, em uma dessas viaturas, em uma viatura que chegou até lá, acabou batendo o carro e o policial militar também tentou conter a Laura essa travesti [...] foi dado sim um tiro, mas o tiro acertou o braço da travesti de raspão ela morreu por outros motivos, confirmou a história do linchamento e outras pessoas participaram dessas agressões. (Repórter Rogério Guimarães)

O repórter explica esses detalhes também gesticulando com a mão que não segura o microfone, com expressões que transmitem segurança do que está falando e das informações presentes no discurso, assim também se posiciona para transmitir a verdade sobre o ocorrido e

como revelador desse acontecimento. Essa maneira de se colocar para contar o ocorrido se repete na reportagem “*Homem mata travesti em motel após encontro amoroso*” de 10/04/2017.

A reportagem trata da morte de Camila como agressão física ocorrida após um encontro amoroso, isso é visto no título e nos discursos do apresentador e do repórter. O repórter percorre e mostra o caminho feito por Camila e o assassino até a porta do hotel, ele mostra a porta do hotel algumas vezes, e se posiciona também na esquina onde Camila esperava por clientes. Ele também dá detalhes das ações da vítima e do assassino se coloca também como “revelador dos fatos do mundo” como visto em Guttman no capítulo 1, percorre aqueles caminhos que cita em sua fala como se estivesse desbravando uma realidade e a mostrando aos telespectadores. Nas aparições do repórter ele se porta de maneira performática, dando passos para as laterais e erguendo a mão que está livre aberta, enquanto segura o microfone com a outra, ele olha para o chão e para a câmera e diz o texto com tons dramáticos, que causam um certo suspense aliando-se a trilha sonora ao fundo, ele anda em direção à câmera e recua, para de se movimentar e volta a andar. Ao final da reportagem ele descreve detalhes do depoimento do assassino estando de pé na entrada da delegacia e apontado para dentro dela algumas vezes durante a passagem. O repórter com suas palavras cita falas do depoimento do assassino, dizendo enquanto gesticula com as mãos, gestos que imitam a ação do assassino:

Eu não consegui manter relação com ela por conta da droga por conta da bebida, eu havia bebido muito naquela noite [...] por conta dessa bebedeira, por conta dessa droga, eu acabei me desentendo com a Camila, com a garota de programa, ouve esse desentendimento e eu na loucura daquele momento doutor, acabei partindo pra cima desta mulher[...] quando eu quando vesti a roupa eu percebi que faltava dinheiro no meu bolso [...] Ou seja, ele conta para polícia o seguinte: “eu estava ali no quarto com ela e ela pegou dinheiro do meu bolso [...] eu fui tirar satisfação com ela, falei o seguinte: Camila você me roubou? Ela falou - não, não mexi nas suas coisas. Sumiu dinheiro, eu te paguei pelo programa 100 reais, eu comprei a droga, eu paguei aqui o quarto e você agora vem me roubar? - Não mexi nas suas coisas, peguei nada. – Pegou sim que tá faltando dinheiro, foi nesse momento doutor”, ele contando na delegacia, “que eu parti pra cima dela, descontrolado, eu segurei ela com as mãos e fui apertando, e fui batendo nela dando murros nesta mulher, ela ficou desacordada eu continuei batendo nela e depois de alguns minutos eu acabei percebendo que ela, que a mulher de 45 anos, a Camila doutor estava morta...” (Repórter Bruno Peruca citando falas do criminoso em depoimento colhido pela polícia)

Nesse trecho o repórter repete falas do depoimento do assassino Jonas que conta como cometeu o crime. O assassino teria justificado o crime por ter sido roubado e estar sob efeitos de drogas e embriagado, quando o repórter diz na voz do assassino parece que a narrativa da reportagem também tenta justificar esse crime como algo causado pela raiva, por emoções, pois é inserida na voz do repórter, o representante do telejornal, a justificativa do assassinato. Isso é feito

de maneira compulsória, não há contraposição. Assim a descrição do crime é usada para revelar o mistério dessa morte, para fazer que a morte seja entendida e sem complexidades, sem aprofundamentos. Diferentemente da reportagem “*Transexual morre apedrejada após festa em Anápolis (GO)*” de 01/03/2017 onde a construção vai ser mais baseada nas sensações, deixando mais claro que o crime foi extremamente violento e “imperdoável”, pois há um certo aprofundamento na tristeza da família, por exemplo.

O título da matéria já traz uma informação de que o que aconteceu com a vítima foi extremamente violento: “Transexual morre apedrejada após festa em Anápolis”. O apresentador mostra na introdução da reportagem o local onde o corpo da vítima foi encontrado dizendo com uma voz grave e com tom sério:

horas depois, mostra o local por favor, horas depois o corpo de Emanuele foi encontrado nesse matagal, sabe porquê? Isso foi em Anápolis Goiás, foi encontrado num matagal, a polícia acredita ser por homofobia. (Apresentador Marcelo Rezende)

Quando o apresentador diz isso as imagens feitas no local são exibidas sem som, a mãe da vítima mostra onde achou a filha, ela indica com os braços apontados para o chão o lugar específico onde Emanuele estava.

A reportagem começa a ser exibida, o repórter sai da porta casa de shows que Emanuele estava com a mãe antes de pegar carona com os criminosos e anda em direção ao fim da rua onde o carro havia parado. No meio do caminho ele para de andar e fala com a mãe sobre o momento da oferta da carona. Nesse percurso ele descreve como foi a morte, fazendo um discurso característico do telejornal como visto no capítulo 1, trazendo detalhes do acontecimento com o intuito de representar aquela realidade vivida pela vítima e pela testemunha mostrando o ambiente e se colocando ali no local como o investigador dos fatos como também discutido no primeiro capítulo, percorrendo aquele caminho ele mostra a intenção de chegar a verdade, ao que seria o real acontecimento, ele diz:

Ela saiu aqui da casa de shows e começou a andar em direção ali pra cima, ela precisava de uma carona, foi então que um carro apareceu com alguns homens dentro [...] O corpo foi encontrado horas depois, de acordo com a polícia ela teria sido apedrejada, o crime chocou a cidade pela crueldade. (Repórter José Aurélio Mendes)

O repórter traz mais informações sobre o caso na suíte “*Bandidos abusam e matam transexual em Goiás*” exibida em 03/05/2017. O mesmo repórter do Cidade Alerta que acompanhou o caso na primeira vez que o assunto foi ao ar, mais uma vez anda pelo percurso onde a vítima passou e se coloca de novo onde ela foi morta. Dessa vez ele relata com mais detalhes a

morte. Na fala dele, pode-se imaginar o grande sofrimento vivido pela vítima e o grande nível de violência cometida pelos autores do crime que a mataram com pedradas após estuprá-la:

A investigação durou dois meses e contou com o depoimento de três testemunhas, os quatro estavam em Anápolis na mesma boate que Emanuela, a mãe dela e um amigo, era por volta de meia noite quando Emanuele decidiu ir embora, ela veio pra porta da boate pra procurar carona, encontrou os suspeitos que estavam dispostos a leva-la pra casa, ela então voltou chamou a mãe e o amigo que estavam lá dentro, e eles foram em direção ao carro, mas quando chegaram lá, elas perceberam que era muita gente pra um veículo só e decidiram não ir mais. Foi quando os homens puxaram Emanuele pra dentro do carro e agrediram a mãe dela e o amigo. Eles então aceleraram e foram embora rumo a região leste de Anápolis. Emanuele era transexual, a mãe da jovem acredita que os homens que raptaram Emanuele, descobriram isso quando tentaram estuprá-la e esse teria sido o motivo do crime. De acordo com o depoimento dado ao delegado, os homens passaram a abusar sexualmente de Emanuele ainda no carro eles rasgaram o vestido da moça, eles ficaram com raiva e vieram até esse terreno aqui num ponto afastado da cidade, eles tinham um plano iriam tirar a vida da jovem. Eles bateram muito nela e ela acabou sendo morta a pedradas. Um homem que passava aqui por essa estrada que dá acesso ao local percebeu a movimentação, com medo de serem descobertos eles também tentaram tirar a vida desse homem, bateram muito nele e ele só teria sobrevivido porque se fingiu de morto. (Repórter José Aurélio Mendes)

O repórter elenca todos esses fatos numa fala acelerada, durante esse trecho são exibidas cenas dos autores na delegacia e imagens do local que Emanuela foi morta. O fato de o repórter contar detalhes do crime presente ali na estrada de terra que fica ao lado do local exato onde a vítima foi encontrada, se relaciona com os conceitos de Charaudeau e Guttman que discutem a busca de “credibilidade” e o posicionamento do telejornal como “sujeito onipresente” e “macronarrador dos fatos”, pois é essa maneira em que o telejornal se baseia para ser um representante da verdade, enviando um agente ao local do acontecimento e mostrando aquele ambiente em conjunto com o discurso que descreve os fatos, isso se intensifica na suíte pois o repórter mais uma vez está indo ali em busca de revelar o fato. Ele volta ao local trazendo ainda mais informações. Sendo assim percebo que o telejornal utiliza de seu lugar de fala através de seus agentes comunicacionais para revelar os fatos e a verdade daquele acontecimento, daquela morte posicionando esses profissionais em determinados locais, com determinadas atitudes e discurso.

Eixo 3 – Caos narrativo: construção transgressora da narrativa

Sobre a construção narrativa das reportagens, de que modo ela é particular do programa que utiliza de variados elementos que a tornam sensacionalista em alguns aspectos. Relacionando com

a construção do telejornal descrita no capítulo 1, esse tipo de construção típica de telejornais temáticos da TV brasileira se baseia em uma intenção editorial num estilo de criar as atmosferas do mundo que representam. A estrutura que utilizam é desorganizada, portanto a denomino de desorganização narrativa pela maneira que é construída.

Na construção do telejornal, a organização do programa parece ser feita na hora, no imprevisto e focada em criar esse clima de suspense e tensão. As reportagens em geral seguem essa mesma estrutura de narrativa, mas podem ser interrompidas a qualquer momento durante a transmissão do programa para se exibir flagras ao vivo, geralmente acidentes, fugas e perseguições policiais e até anúncios. Basicamente, o apresentador introduz o assunto da reportagem com alguma imagem ou foto de pessoas envolvidas, a matéria entra no ar, em algumas ocasiões a exibição é pausada e volta ao ar o apresentador que comenta algo sobre aquela reportagem. Dentro da narrativa podemos perceber sonoras, passagens e em alguns casos algum material de arquivo ou da internet, como vídeos e fotos. Os vídeos e fotos das vítimas são repetidos várias vezes, antes da reportagem entrar no ar, durante a exibição dela e ainda depois, quando o apresentador costuma comentar sua opinião sobre o caso.

Na reportagem “Travesti sofre agressão e é baleada ao tentar fugir” de 08/04/2016, a construção da narrativa é feita nesse modelo. A reportagem se inicia com fotos da vítima sendo exibidas e ao fundo o som da voz da repórter, logo após já é exibida uma sonora com a mãe da vítima em prantos dizendo: “não sei o que vai ser de mim daqui pra frente, não sei se eu vou conseguir ficar mais naquele lugar”.

Após esse primeiro fragmento de sonora a repórter conta um pouco mais do que aconteceu com Laura enquanto fotos da vítima voltam a tela. Após isso, é exibida uma outra parte da sonora com a mãe onde ela diz ter certeza do caso se tratar de assassinato. Seguindo, mostram a avenida que segundo a narração da repórter é onde Laura morreu, e depois a repórter aparece pela primeira vez andando no local, então entra uma sonora com um frentista do posto de gasolina que fica perto de onde Laura sofreu agressões e a repórter continua na rua mostrando pontos onde a vítima percorreu e pediu ajuda antes de tentar fugir em uma viatura. A repórter mostra a viatura batida e a mãe da vítima volta a falar em sonora, após isso a repórter aparece em uma delegacia contando mais sobre o que teria acontecido antes de Laura ter feito o percurso descrito inicialmente.

A reportagem acaba com outro fragmento da sonora com a mãe pedindo que seja apurado o que realmente aconteceu. De volta ao estúdio o apresentador conversou com um outro repórter

na delegacia em link ao vivo, que dá detalhes sobre a morte. A construção da narrativa, portanto é fragmentada, as informações são apresentadas por partes, muitas vezes de maneira confusa, sem conclusões e no final o apresentador após comentar sobre o local da morte da vítima, anuncia outro programa que apresenta na Record e imediatamente já introduz outra matéria dizendo: “o quê que isso no helicóptero, hein?”

Essa característica, presente em todas as reportagens do corpus dessa pesquisa, demonstra como a narrativa na verdade não trabalha para realmente revelar o que aconteceu com a vítima. A narrativa no caso de Laura diz mais de uma confusão que a própria vítima teria causado. A verdadeira causa da morte por exemplo, vem à tona no fim do programa pelo link ao vivo com o repórter na delegacia que investigava o caso, só nesse trecho podemos entender que houve um linchamento, portanto toda a narrativa anterior trabalhava com o percurso da vítima, alguns detalhes da violência sofrida por ela, mas focava na tentativa de roubo da viatura e de fuga da própria Laura e não no que teria acontecido a ela para que isso tudo acontecesse e o que a teria matado de fato.

Na reportagem “*Homem mata travesti em motel após encontro amoroso*” de 10/04/2017 percebemos que há uma tentativa de criar um ambiente de caos e suspense pela repetição do vídeo da polícia civil onde prendem Jonatas, que é exibido várias vezes durante a reportagem entre passagens e sonoras. O vídeo é exibido duas vezes na apresentação da reportagem feita pelo apresentador Marcelo Rezende, mais uma vez no início da reportagem e outra mais ao final, com o som do policial interrogando o assassino e ele o respondendo.

A reportagem é quase toda feita com passagens do repórter na rua em que fica o hotel e o local onde Camila ficava esperando por clientes e na delegacia. Durante as falas do repórter são exibidas algumas vezes duas fotos da vítima onde aparecem seu rosto e parte do busto, como uma foto 3x4, que é utilizada na confecção do documento de identificação. São exibidas duas sonoras entre as passagens, uma com o dono do estacionamento onde o assassino trabalhava e onde foi preso, outra com um amigo da vítima que não se identificou.

Para introduzir a segunda sonora que é exibida pouco antes do fim da reportagem, o repórter diz que a equipe pegou a estrada para falar com o amigo de Camila e é exibido um vídeo da estrada dentro do carro em movimento. Para finalizar o repórter diz: “Jonatas não tinha passagem pela polícia estava há dois meses em São Paulo, em pouco tempo deixou o sonho de crescer na vida para viver uma realidade que agora o coloca atrás de uma cela”. Enquanto é exibido mais uma vez

o vídeo da entrada do assassino na delegacia, podemos ver que apesar da tentativa de se criar uma atmosfera de caos pela exibição da filmagem da prisão do assassino. A narrativa caminha para uma tentativa de chegar a um lugar de certeza, de resoluções dizendo que o assassino teve um momento de fraqueza e cometeu um crime, ele então se tornaria uma vítima do mundo, um mundo que expõe os indivíduos a emoções a interferências que nem todos podem ou conseguem resistir.

Na reportagem “*Transexual morre apedrejada após festa em Anápolis (GO)*” de 01/03/2017 percebemos uma outra característica de inserção de valores no discurso e na narrativa em si, nesse caso a opinião do apresentador em conjunto com a narrativa da reportagem que utiliza elementos que trabalham as emoções dos envolvidos, a construção vai acabar julgando o assassino em seu conjunto.

Quando o apresentador introduz a reportagem é exibida uma foto de Emanuele, característica do programa elencada no primeiro capítulo. Ele explica um pouco do acontecido e é exibido um vídeo produzido no local onde o corpo da vítima foi encontrado. As imagens feitas são exibidas sem som, nelas podemos ver a mãe da vítima mostrando onde achou a filha.

A reportagem se inicia e o vídeo é exibido novamente. O repórter lembra mais uma vez que ali foi encontrado o corpo da vítima pela a mãe que a encontrou, após esse momento a mãe conta em sonora como encontrou a filha. Depois da sonora é feita uma passagem em frente ao último local onde Emanuele esteve antes de ser morta, nessa passagem é feita outra pergunta a mãe que estava com a vítima no momento que ofereceram a carona e que também foi a última vez que a mãe viu a filha com vida. Fotos de da vítima são exibidas nessa passagem, um padrão da construção das reportagens do *Cidade Alerta* como visto no capítulo 1, enquanto a mãe fala do momento em que a filha entrou no carro e ela se recusou e durante a fala do repórter que explica a declaração da polícia.

Na sequência o repórter está na casa da vítima, mas não aparece. São exibidas imagens dos familiares sentados em conjunto seguidas de uma sonora com um dos irmãos de Emanuele, mais uma vez são exibidas as mesmas fotos da vítima. Assim que a sonora termina, o repórter conta que a vítima era transexual e a mãe fala mais uma vez, dessa vez dentro do quarto da filha onde também mostra os objetos da filha.

Durante a construção dessa reportagem, a mãe da vítima está presente em todos os locais onde o repórter está, ele conduz a história partindo do local em que o corpo foi encontrado, passa por onde a vítima esteve por último com a mãe e finaliza no quarto dela. A sequência é própria

dessa reportagem, isso revela a construção narrativa não utiliza uma estrutura padrão nas reportagens do *Cidade Alerta*, como visto no capítulo 1. Na suíte “*Bandidos abusam e matam transexual em Goiás*” de 03/05/2017 que tem duração de aproximadamente cinco minutos, são dois minutos dedicados ao apresentador que relembra resumidamente o que aconteceu e foi já apresentado pelo telejornal, e coloca sua opinião sobre o assunto enquanto imagens dos autores e cúmplices na delegacia são exibidas. Nessas imagens a mãe de Emanuele aparece conversando com os criminosos enquanto eles estão de cabeça baixa a escutando.

Há um apelo por justiça na construção dessa reportagem, pela exibição dos assassinos algemados, da mãe falando com eles na delegacia e pelos comentários do apresentador: “(...)porque não é possível que alguém faça isso com a outra pessoa por uma questão de opção do que a pessoa é ou deixa de ser, é inacreditável, no país que eu inventei esses quatro não teriam tempo de dar entrevista”. Quando a reportagem começa a ser exibida, ainda está sendo exibido o vídeo na delegacia, mas com a narração do repórter, uma foto da vítima é exibida e o autor do crime diz ao repórter em uma sonora: “matei mesmo, mas num estuprei, num fiz nada, fui eu que matei”. Logo após isso, são ditos os nomes dos quatro presos, e é exibida uma sonora com mais um deles, Marcio Machado que admitiu estar dentro do carro no dia do crime.

Na sequência é exibida a passagem em que o repórter dá os detalhes do crime e depois é exibido mais uma vez o vídeo da mãe de Emanuele falando com os autores, e em seguida uma sonora em que a mãe diz acreditar que “a justiça dos homens foi feita, mas a de Deus ainda não”. De volta ao estúdio o apresentador e Marcelo Rezende diz: “tomara que eles queimem no fogo do inferno se tudo der certo”.

Portanto percebe-se nessa reportagem a grande carga opinativa do apresentador, sua posição perante os acontecimentos e como pessoas no telejornal e os julgamentos feitos por ele que revelam a intenção de contar essa história numa atmosfera de emoções e utilizando um discurso de valor ao se referir ao acontecimento. Essa característica de se posicionar tão firmemente perante um fato diz de como apresentador se encontra numa posição de “informador de notoriedade”, conceitos de Guttman que diz sobre “uma forte tendência de construção de apresentadores personas, sujeitos implicados no discurso que se apresentam em estado de simbiose com o programa” (GUTTMAN, 2014, p.304) e Charaudeau que diz de uma notoriedade “quando ele informa, o que ele diz pode ser considerado digno de fé. Entretanto, por outro lado, por conta dessa posição, pode-se atribuir-lhe intenções manipuladoras que fazem com o que ele disser seja, ao

contrário, suspeito pelas razões táticas evocadas anteriormente”. (CHARAUDEAU, 2009, p.52) presentes no capítulo 1. Essa notoriedade do apresentador é percebida pela sua liberdade de expor os seus próprios pensamentos e julgar de alguma forma aqueles fatos que estão ali representados. Essa construção é particular dessa suíte, que busca deixar claro o que aconteceu com mais detalhes e revelar os autores do crime, e para além disso os representar como julgados e presos, mas a carga opinativa é um tipo de discurso utilizado na narrativa do telejornal em geral, ela compõe a construção do *Cidade Alerta*, porém é mais forte nessa suíte do que nas outras reportagens analisadas.

Eixo 4 – Representação de identidade

Nesse eixo discutirei sobre a maneira como a identidade das personagens é representada no discurso e na construção narrativa das reportagens. Isso inclui a frequente afirmação e reafirmação da identidade das personagens e as possíveis intenções do programa em destacar tais aspectos das personalidades das personagens. Conceitos de representação da identidade, nesse caso das transgênero e/ou travestis vistos no capítulo 2.

Na reportagem “*Travesti sofre agressão e é baleada ao tentar fugir*” de 08/04/2016, por exemplo quando a reportagem é anunciada pelo apresentador, ele repete a palavra travesti diversas vezes ao todo são 10:

Dois **travestis** entram num carro pra fazer programa com um homem e o **travesti**, a **travesti** conhecida como Laura, depois de ter feito o programa ela disse pra amiga que tava sendo agredida, no momento que teria pedido pra que o cliente pagasse o programa ela desce do carro [...] e tenta fugir das garras desse cliente entrando numa viatura da polícia, quando o sargento viu que tinha uma **travesti** entrando na viatura, esse sargento corre, o vidro tava aberto, ele enfia o corpo dentro da viatura e tenta virar com o volante pra que a **travesti** não conseguisse fugir com o carro da polícia, o carro vai ela consegue acelerar, bate direto num muro e morre. Só que a primeira informação que chegou pra gente aqui em São Paulo, é que essa **travesti** teria morrido por causa do impacto da viatura da polícia no muro, só que agora um detalhe acaba de transformar esse caso ainda mais misterioso. Me dá as imagens da **travesti** da Laura, essa é a vítima essa é a mu. Essa é a **travesti** que acabou morrendo, em toda essa confusão aqui em São Paulo, nós estamos também ao vivo na delegacia que investiga esse caso, a Laura que tomou posse do carro da polícia, enquanto ela tentava dirigir o sargento desesperadamente tentava fazer com que ela parasse, só que aí que vem o dado misterioso [...] Laura quando chegou no hospital, ela ainda chegou com vida no hospital, viram que ela tinha sido baleada, aí eu pergunto pra você de casa, quem é que atirou nessa, nessa **travesti**? Foi o cliente que tava no carro deu um tiro nela e ela foi correndo pro carro pra tentar fugir do cliente? Ou foi o policial que disparou contra a **travesti**? (Apresentador Luiz Bacci)

Essa grande repetição da palavra travesti, revela a posição do programa e do apresentador em que diferenciam essa identidade de alguma forma. A representação de identidade é bem

marcada nessa reportagem, no próprio título da matéria já é declarada a identidade da personagem, “travesti sofre agressão”. Percebo que no discurso construído para a reportagem há uma reverberação de uma estigmatização presente nas relações sociais dessas mulheres. Essa diferenciação pode ser relacionada com o conceito de Silva quando ele diz “Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos” (SILVA,2000, p.73)

Em um determinado momento o apresentador se corrige após quase afirmar que Laura era uma mulher. A personagem parece não ter permissão de ser identificada como mulher, e para isso se repete várias vezes quem ela é realmente para aquele discurso, uma travesti. A partir do momento que o apresentador pede imagens da vítima, é exibido um vídeo de Laura onde ela fala, ou canta, para a câmera de óculos escuros, só se ouve a voz dele dizendo que é aquela a travesti ou que ela é travesti, antes do vídeo ser exibido uma foto dela era exibida na tela de fundo do estúdio em que Laura faz uma pose no espelho. A reportagem começa a ser exibida com a repórter dizendo: “Nas fotos a vítima aparece fazendo pose, bonita e vaidosa. Assim era conhecida Laura Vermont, de 18 anos. Mas Laura na verdade é David Araújo o filho de dona Zilda”. Durante a exibição da reportagem podemos ver na parte inferior da tela “Mistério em morte de travesti”, a repórter que apurou o caso usa mais a palavra jovem para se referir a Laura, mas em alguns momentos a chama também de “jovem travesti”.

Após a exibição da reportagem o apresentador faz um link ao vivo com outro repórter na delegacia, durante sua fala o repórter se refere a Laura e a uma testemunha, de “esse travesti” ou “outro travesti”, “Laura” e “David” nesse momento também é exibida a mensagem tela “Mistério em morte de travesti”, assim como no segundo link ao vivo no fim do programa. Nessa reportagem as vozes que geram o discurso são de repórteres e apresentador e em pequenos fragmentos a mãe da vítima, isso demonstra que a voz dessa personagem é totalmente silenciada na narrativa do telejornal, ela é identificada nomeada por outros atores sociais, não podemos entender quem era ela de verdade, pois não há nenhum tipo de aprofundamento nas informações da vítima. Entretanto na reportagem “*Homem mata travesti em motel após encontro amoroso*” de 10/04/2017, encontrei a mesma característica de uma descrição rasa da personagem. Porém nessa reportagem o discurso do apresentador e do repórter poucas vezes identificam Camila como travesti.

Na maior parte da reportagem são utilizados seu nome Camila e o nome do documento que não havia sido alterado como forma de identificação, o que pode ser relacionado com o discurso

hegemônico e binário, que não considera as diferentes identidades de gênero se não pelo sexo biológico como o norteador da experiência dos sujeitos, como discuti no capítulo 2. Por outro lado, há repetições da profissão da vítima. Diversas vezes ele diz “Mulher de programa” ou “garota de programa” e isso pode ser relacionado com os conceitos apresentados no capítulo 2 onde falo sobre identidade e diferença e a estereotipagem discutida por Hall, pois a vítima é mais que uma vítima de assassinato ela é uma travesti e garota ou mulher de programa, isso se revela na repetição do repórter do nome da profissão de Camila. Associando esse nome social da personagem diretamente a profissão que é alvo de preconceito. Se por um ele não se descuida tanto em variar a flexão de gênero ao se referir a ela, por outro ele mostra no discurso uma dualidade da personagem, um nome de registro e um nome social usado para fazer programa e não como representante de uma identidade.

Esse elemento discursivo também revela uma realidade das mulheres trans no Brasil como visto no capítulo 2, sobre as profissões que as mulheres transgênero seguem por falta de oportunidades. Quando o repórter dizia Camila, para se referir a vítima, ele explica que assim era como as pessoas a conheciam, quando não dizia seu nome a chamava pela profissão. O nome da sua profissão foi se tornando um substantivo.

Na reportagem “Transexual morre apedrejada após festa em Anápolis (GO) 01/03/2017”, o apresentador Marcelo Rezende mostra a imagem da vítima dizendo que “a moça” era “conhecida como Emanuele”. Ele conta que no documento de identidade era “Rômulo”. Aqui, o apresentador se relaciona com o discurso binário, que não considera as diferentes identidades de gênero que se divergem do sexo biológico de nascimento e o considera como o norteador da experiência das pessoas deixando de lado assim a possibilidade de uma transgeneridade, por exemplo, como discutido no capítulo 2 e como é o caso de Emanuele. Essa característica no discurso do apresentador pode ser entendida como uma ferramenta que tenta provocar sensações no telespectador e prender sua atenção através de suspense ao mostrar que a história tem algo de extraordinário ou surpreendente.

A mensagem “transexual pega carona e vai morrer” fica na parte inferior da tela enquanto a reportagem é exibida. O discurso do repórter só afirma que a vítima era trans uma vez, mas ele fala como se a vida da vítima e sua experiência no mundo se resumisse ao fato de ter nascido com o sexo masculino, mas se transformou. O repórter diz: “a mãe abre o jogo: Emanuele na verdade é

Rômulo Mateus Gomes, trata-se de uma transexual, ela sempre aceitou as preferências da filha, mas sabe que existe muito preconceito e esse seria o motivo da morte dela”.

Na suíte “*Bandidos abusam e matam transexual em Goiás*” de 03/05/2017 vemos na tela o texto “Carona mortal: assassinos de transexual são presos”, no entanto o termo transexual está presente apenas no subtítulo da matéria fixo no canto esquerdo inferior durante a exibição da reportagem e no discurso o repórter que utiliza o termo na passagem, quando explica que a motivação do assassinato teria sido por Emanuele não ter nascido com o sexo feminino. Nessa suíte, o assassino confirma ao repórter que realmente a matou. Esse fato nos permite refletir, como discutido no capítulo 2, sobre como a expectativa de vida de uma mulher trans não é alta, mesmo a vítima estando com a mãe, morando com a família, convivendo em um ambiente em que pensamos ser seguro, um ambiente diferente dos que o *Cidade Alerta* costuma mostrar, acabou sendo assassinada.

Percebe-se também como os discursos heteronormativos permeiam as relações sociais de várias maneiras, pois fica implícito no discurso construído nessa reportagem que se Emanuele fosse uma mulher que nasceu com o seu sexo biológico feminino, talvez ela teria sido estuprada por aqueles homens, mas talvez sobrevivesse após esse crime. Esse sentido é construído pelas escolhas de texto falado pelo repórter e pelo recorte da fala do assassino na delegacia que nega ter estuprado, mas afirma que assassinou Emanuele.

Ao contrário das outras reportagens a narrativa aqui se aproxima um pouco mais da história dessa vítima utilizando as emoções como o centro da narrativa, explorando o sofrimento dos familiares da vítima. A primeira reportagem sobre o caso de Emanuele e a suíte utilizam a comoção, a tristeza. Também a indignação da mãe presente nas imagens feitas na delegacia e até do apresentador da morte de Emanuele ter sido em decorrência de ser transexual na suíte.

Porém em geral a representação da identidade dessas personagens se dá de maneira rasa nessas reportagens, as imagens que são exibidas delas são superficiais e não se utilizam elementos na construção narrativa que poderiam ajudarmos a realmente conhecer essas mulheres. São apresentados dados que não proporcionam uma noção básica de quem está relacionada aquele fato e sim dados e informações que dizem pouco de quem são essas vítimas. Suas identidades de gênero apesar de serem mencionadas e até muitas vezes repetidas, são evocadas apenas para demarcar um lugar ocupado pelas personagens, um alvo de preconceito e de violências.

Considerações finais

O telejornal trabalha com a tensão da realidade social causada por violência, disputas de poder, preconceito e criminalidade de áreas urbanas, além de fatos inesperados como acidentes e incêndios. Para criar sua narrativa o *Cidade Alerta* utiliza de elementos específicos presentes em telejornais temáticos, engloba esses tipos de notícia e constrói um discurso próprio sobre eles. Com suas intenções o programa utiliza de construções desorganizadas, apresentações e/ou locuções com tons de voz firmes, mas por outro lado variações nesse tom também são utilizadas. É recorrente o uso da exploração das sensações em sua narrativa, e também a forte exposição de imagens de sujeitos envolvidos nas histórias apresentadas, por meio de fotos e/ou vídeos.

No contexto do recorte feito para essa pesquisa que se baseia em reportagens que abordem personagens transgênero, o *Cidade Alerta* se posiciona utilizando um discurso que se baseia na moral e nos costumes tradicionalistas para, muitas vezes, acabar cometendo também violências contra as mulheres trans. Notamos várias violências simbólicas como não respeitar o nome social das personagens e se referir a elas como se fossem do gênero masculino. O telejornal constrói um discurso essencialista, baseado em preconceitos sociais que não procuram compreender as diversidades, fenômeno que leva a mídia a ser um ambiente de discriminação e violências simbólicas aos transgressores dessa ordem patriarcal heteronormativa vigente, discurso baseado na lógica binária de identidade a partir do sexo biológico como vimos no capítulo 2.

A partir da análise do primeiro eixo “Violência simbólica: desrespeito ao gênero ou a identidade”, pude perceber a falta de cuidado dos repórteres e apresentadores do *Cidade Alerta* aos modos mais corretos de se referirem a mulheres transgênero e/ou travestis. Há uma variação numerosa dentro de uma mesma reportagem de flexão de gênero na fala dos repórteres e apresentadores, em alguns momentos eles se referem às personagens no feminino e em outros no masculino. Ocorrem inclusive mesclas entre substantivos masculinos e femininos numa mesma frase. Percebe-se uma certa variação no tratamento às personagens entre as reportagens, porém é recorrente a associação dos nomes sociais aos nomes oficiais presentes no documento de registro de identidade. Em algumas das reportagens analisadas, há menos variação de gênero na fala dos repórteres e apresentadores, mas por outro lado mais demarcação de lugares como prostituição, como no caso da reportagem: “Homem mata travesti em motel após encontro amoroso” e com mais apelo emocional e exploração de emoções como na reportagem: “Transexual morre apedrejada

após festa em Anápolis (GO)” e em sua suíte: “Bandidos abusam e matam transexual em Goiás” onde identifiquei o uso dos discursos de valor em defesa daquela vítima e a utilização da imagem do sofrimento daquela mãe e sua família.

Analisando o segundo eixo “Representação de violência física”, percebe-se que em todas as reportagens do recorte, os repórteres se posicionam no local do crime e narram o que apuraram, reconstituindo com palavras o ocorrido e descrevendo alguns dos atos de violência com detalhes. Os elementos visuais são basicamente os mesmos em todas as reportagens, e entre as passagens dos repórteres é feita a exibição de filmagens dos locais do mais ou menos fechada, já estabelecida para construir este tipo de reportagem. Sem espaço para novas maneiras de contar essas histórias e conseqüentemente sem uma possível narrativa que contenha elementos que possam ser especificamente utilizados para cada história. Deixando assim pouco espaço para informações e percepções que escapem desta lógica estabelecida. Lógica que contraditoriamente é construída de forma a parecer desorganizada mesmo não sendo, pois se repete.

As reportagens analisadas seguem uma linha narrativa desorganizada, propositalmente como pude compreender. Como indiquei no primeiro capítulo e analisei no terceiro eixo de análise “Caos narrativo: construção transgressora da narrativa”, essa “desconstrução” narrativa seria para trabalhar os assuntos de uma forma que a construção do telejornal possa despertar sensações de desassossego e tensão no público. Sendo assim *o Cidade Alerta* faz o uso de uma construção específica de telejornais temáticos policiais. Além de apresentar mais um conflito que as causas daqueles crimes discutidos nas reportagens, ou seja, as informações apresentadas dessa maneira são mais para criar um discurso que alimente esse tipo de telejornal que trabalha com violência e crimes, do que esclarecer fatos e dizer quem são os envolvidos e o que realmente aconteceu.

Assim em alguns casos como na reportagem “Travesti sofre agressão e é baleada ao tentar fugir”, em que a narrativa na verdade não fala da causa dessa morte, mas sim da confusão que ocorreu antes da morte, deixando assim o fato em segundo plano e criando uma narrativa de sucessões de acontecimentos surpreendentes e confusos.

De acordo com a análise feita no quarto eixo “Representação de identidade”, percebi que o discurso trabalhado pela equipe do programa quando o assunto envolve personagens trans é bem marcado pela repetição e questionamento da identidade de gênero à luz do registro de identidade oficial das personagens. Como visto no capítulo 2, é demarcado o lugar dessas mulheres e esse lugar é rememorado inúmeras vezes enquanto se apresenta o caso. A representação é construída,

portanto, demarcando a normalidade e a diferença: elas são a diferença, são estereotipadas e têm sua identidade de gênero afirmada e reafirmada para dar ênfase nessa característica. A exibição da foto ou de vídeos das personagens também são elementos que se repetem dentro da narrativa das reportagens, as expõe exacerbadamente, muitas vezes com a narração que acompanha essa exibição demarcando o seu lugar na sociedade, afirmando sua identificação de gênero.

A narrativa as determina como mulheres trans e/ou travestis, porém utiliza elementos que ajudam a negar a validade dessas identidades, associando os nomes sociais com os presentes em documentos e variando as flexões de gênero no discurso, por exemplo. A representação deixa então subentendida uma ausência de conclusão, a falta de algum elemento que valide essas identidades. O telejornal constrói uma identidade ambígua para essas personagens.

Minha primeira expectativa nessa pesquisa era de encontrar na maioria das reportagens personagens, mulheres transgênero e/ou travestis, estariam em delegacias, sendo ouvidas de alguma forma. Contudo, as recorrências eram outras: a maioria das reportagens não tinham essa mulher sendo ouvida, na maior parte das reportagens elas já estavam mortas e mesmo que houvessem outras personagens trans envolvidas nos casos, como no caso da Laura por exemplo, elas não são ouvidas, não são fontes para as reportagens. Portanto a representação no telejornal dessas mulheres se resume a falar do assassinato delas e ainda assim negar de certa maneira a identidade dessas vítimas. Não aprofundando a apuração sobre as individualidades delas e construindo uma narrativa problemática quanto às suas identidades de gênero como pude notar pela análise feita.

Ao denominar uma pessoa como travesti ou transexual, e repetir essa informação quase todo o tempo de exibição da reportagem, essas personagens são posicionadas em um lugar atravessado por violência, preconceito e perigo constante que é construído no discurso e nos elementos imagéticos do telejornal e das reportagens. Além disso, são construídas narrativas em uma base desorganizada com intenções de não informar o desenrolar dos fatos, como vimos no terceiro eixo da análise, por exemplo. Portanto, a construção dessa identidade pelo *Cidade Alerta* é marcada justamente por revelar que os problemas e tensões sociais que estigmatizam essas mulheres, deslegitimam os direitos delas como cidadãs e as tornam vítimas de violências. Isso leva a concluir que a representação das personagens trans perpassa o discurso do telejornal com preconceito e desinformação sobre questões básicas sobre transgeneridade.

Referências bibliográficas

BAHIA, Grupo Gay da. **Mortes violentas de LGBT no Brasil relatório 2017**. Grupo gay da Bahia– GGB. 2018. Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>. Acesso em 17 de julho de 2018.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

BRASIL. **Decreto nº 8727, de 28 de abril de 2016**. Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Diário Oficial, Brasília, DF, 28 abril. 2016. Seção 1, p.1. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/330064041/decreto-8727-16>. Acesso em: 18 de julho de 2018.

BRASIL. **Lei nº 11.340**, de 07 de agosto de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em 21 de fevereiro de 2017.

BRASIL. **Lei nº 13.104**, de 09 de março de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm>. Acesso em 21 de fevereiro de 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPELLO, Alexandre de Assis. **Novo olhar sobre os telejornais policiais - Interação pelo Formato**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.

FRANÇA, Vera. **Narrativas televisivas: programas populares na TV**. São Paulo: Editora Autêntica, 2006.

GUTTMAN, Juliana Freire. **Formas do telejornal: linguagem televisiva, jornalismo e mediações culturais**. Salvador: EDUFBA, 2014.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Apicuri, 2016.

- JOHN. Valquíria Michela. SILVA, Anderson Lopes da. **Visibilidade e representação de corpos abjetos no audiovisual:** as mulheres trans na ficção seriada via *streaming*. Trabalho inscrito para o GT Comunicação e Cultura, do VII Encontro de Pesquisa em Comunicação – ENPE
- JOST. François. **Comprender a Televisão.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.
- JOST. François. **Seis lições sobre televisão.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2004.
- LANA. Lígia Campos de Cerqueira. **Telejornalismo dramático e vida cotidiana:** Estudo de caso do programa Brasil Urgente. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Comunicação Social. Belo Horizonte Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2007.
- LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto. **Jornalismo e Homofobia no Brasil:** mapeamento e reflexões. Belo Horizonte: Editora Intermeios. 2012.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** Uma perspectiva pós-estruturalista. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2011.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho:** Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2004. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2008.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério.** São Paulo: Editora Senac, 2003.
- MATHEUS, Leticia Cantarela. **Narrativas do medo:** o jornalismo de sensações além do sensacionalismo. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria queer:** um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto. 2012.
- PRADO. Denise. **Linguagem e representação:** discussões teóricas sobre o potencial dos exercícios de nomeação no campo das representações. E-COM (Belo Horizonte), v. 3, p. 1-15, 2010.
- PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual:** praticas subversivas de identidade sexual/ Beatriz Preciado; tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro, São Paulo: n-1 edições. 2014.
- ROMÃO, Davi Mamblona Marques. **Jornalismo policial:** indústria cultural e violência. Orientador Pedro Fernando da Silva. São Paulo, 2013.
- SALIH, Sara. **Judith Butler e Teoria Queer/ Sara Salih;** tradução e notas Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2012.

SILVA, Tomas Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2000.

SOARES, Nara. **Mini Manual de jornalismo humanizado Parte V: LGBT**. Think Olga. Disponível em *thinkolga.com*. 2017. Acesso em 18 de novembro de 2017.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

DECLARAÇÃO DO(A) ORIENTADOR(A)

Certifico que o aluno Luccas Gabriel Santos Castro, autor do trabalho de conclusão de curso intitulado “TRANSGÊNERO NO TELEJORNAL: A representação da mulher trans no telejornal Cidade Alerta”, efetuou as correções sugeridas pela banca examinadora e que estou de acordo com a versão final do trabalho.

Mariana, 20 de julho de 2018.

A handwritten signature in blue ink, reading 'Denise Figueiredo Barros do Prado', is written over a horizontal line.

Prof.^a Dr.^a Denise Figueiredo Barros do Prado